



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Suporte Social de Reclusos de Nacionalidade Estrangeira em Portugal

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante -

por

Bárbara Daniela Sampaio Barros

sob orientação de
Doutora Raquel Matos

Faculdade de Educação e Psicologia

Porto, Julho 2014

AGRADECIMENTOS

Ao longo do meu percurso na área da Psicologia, tenho a agradecer o companheirismo e profissionalismo de todos aqueles que contribuíram para a concretização desta etapa.

Um obrigado às instituições de ensino que tive a oportunidade de frequentar, Faculdade de Filosofia de Braga e Faculdade de Educação e Psicologia, pelo contributo que tiveram na minha formação enquanto futura profissional na área da Psicologia.

À Doutora Raquel, um agradecimento especial pela orientação, paciência, disponibilidade e profissionalismo durante este ano letivo.

Agradeço aos meus pais! Por todo o amor, por acreditarem e por todos os esforços que fizeram para que todas as etapas fossem concretizáveis. A vocês o meu maior obrigado por tudo.

Ao Nuno todo o carinho, compreensão, encorajamento e por estar presente em todas as dificuldades e vitórias ao longo destes cinco anos de curso.

À minha família, tios, avó e primos por demonstrarem orgulho e preocupação em cada momento

Aos meus amigos, Nó, Vânia, Hugo, Rui, Ana Rita, Patrícia, Cátia e Tanya pelo companheirismo, amizade e apoio incondicional.

“ (...) A parte difícil mesmo, é quando temos que nos despedir de uma fase, dizer adeus a tudo aquilo que passamos.

(...) Para no fim de tudo, podermos olhar para trás, dizer que nada foi em vão e que cada segundo foi especial e eterno.”

Kathlen Heloise Pfiffer

RESUMO

As investigações acerca da reclusão revelam algumas falências no que concerne às redes de suporte, especificamente dos reclusos estrangeiros que se deparam com diversas dificuldades inerentes ao contexto prisional, como a língua e a adaptação a uma realidade cultural diferente da sua (Cunha, 1994).

O suporte social, nas investigações realizadas, surge como uma componente que influencia positivamente o bem-estar global e saúde física e psicológica do indivíduo (Campos, 2004; Siqueira, 2008). Face a estas possíveis contrariedades a presente investigação tem como principal objetivo caracterizar e compreender qual o significado que os reclusos estrangeiros atribuem às suas redes de suporte social.

Com o intuito de aceder às percepções acerca das redes de suporte social foram realizadas entrevistas a seis reclusos estrangeiros de um Estabelecimento Prisional da região Norte do país, privilegiando-se uma abordagem qualitativa na análise dos dados.

Os principais resultados sugerem que as principais figuras de suporte do recluso estrangeiro são constituídas pelos elementos da família, amigos e pessoas significativas, outros reclusos e o *staff* prisional na sua generalidade. Verifica-se que os níveis de satisfação com o suporte estão associados a figuras do seio familiar, relativamente ao tipo de apoio prestado e à manutenção de visitas ao estabelecimento prisional. Figuras relacionadas com o contexto prisional – outros reclusos e *staff* – são referidos em avaliações negativas do suporte.

Palavras-Chave: Reclusão; Recluso Estrangeiro; Suporte Social; Redes de Suporte; Figuras de Suporte.

ABSTRACT

The research on the imprisonment reveals some flaws on what concerns the support networks, specifically foreign prisoners who encounter various difficulties inherent to the prison context, such as the language and the adaptation to a cultural reality different of theirs (Cunha, 1994).

Social support, in the researches carried out, appears as a component which positively influences both the overall well-being as well as the physical and mental health of the individual (Campos, 2004; Siqueira, 2008). Given these possible setbacks this study aims to characterize and understand the meaning that foreign prisoners attach to their social support networks.

In order to access the perceptions about social support networks, interviews were conducted to six foreign inmates of a prison in the northern region of the country, favoring a qualitative approach to data analysis.

The mains results suggest that the leading figures of the foreign prisoner support ate composed by the elements of family, friends and similars, other inmates and the prison *staff* as a whole. It appears that the levels of satisfaction with the support figures are associated with family members, with respect to the type of support and maintenance visits to the prison. Figures related to the prison context – other inmates and *staff* – are mentioned in the negative support reviews.

Key-Words: Reclusion; Foreign prisoner; Social Support; Support Networks; Figures of Support

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO	5
II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	6
2.1. RECLUSÃO E SUPORTE SOCIAL: CONCEITOS E TEORIAS EXPLICATIVAS ..	6
2.1.1. Conceito de suporte social	6
2.1.2. Suporte social de reclusos	9
2.1.3. Perceção dos reclusos acerca do apoio prestado pelo <i>staff</i> prisional	12
2.2. SUPORTE SOCIAL NO CONTEXTO DA RECLUSÃO DE CIDADÃOS DE NACIONALIDADE ESTRANGEIRA	14
2.2.1. Evolução da reclusão de estrangeiros em Portugal	14
2.2.2. Suporte Social de reclusos estrangeiros	15
III. ESTUDO EMPÍRICO.....	18
3.1. Metodologia.....	18
3.1.1. Questão de investigação e objetivos específicos	18
3.1.2. Participantes	19
3.1.3. Instrumentos	20
3.1.4. Procedimentos	22
3.2. Apresentação de resultados.....	24
3.3. Discussão de resultados	35
IV. CONCLUSÕES.....	38
V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
ANEXOS.....	47

I. INTRODUÇÃO

Apesar de alguma literatura científica apontar para uma associação entre imigração e crime, alguns estudos (Butcher & Piehl, 1999; Reid *et al.*, 2005) revelam que não existe uma relação linear entre estes fenómenos, salientando que a verificação desta associação se deve a questões sociais e a conceções erradas por parte da população em geral.

Considerando que o objetivo principal do presente estudo é caracterizar e perceber qual o significado que os reclusos estrangeiros atribuem às suas redes de suporte, importa distinguir o conceito de “imigrante” e de “estrangeiro”. Tal implica considerar, respetivamente, a residência ou não-residência no país de acolhimento.

O estado da arte relativo a este tema revela-se pouco aprofundado no que respeita às redes de suporte do recluso estrangeiro. De acordo com algumas investigações, é já possível identificar quais são os meios utilizados no contacto do recluso com o exterior (Ramos, 2011) e que o papel da família parece ser a entidade mais importante durante o processo de reclusão (Freitas, 2008), no entanto estas investigações não incidiram no recluso de nacionalidade estrangeira e a qualidade de vida referente ao contacto com o exterior através da perceção do sujeito fica por explicar. Assim, surge a pertinência de explorar neste estudo qual é o significado que estes contactos têm na vida do recluso estrangeiro.

O presente estudo será desenvolvido a partir de um enquadramento teórico acerca desta área de estudo em específico, ressaltando-se numa primeira parte os conceitos da reclusão e do suporte social e respetivas teorias explicativas. Numa segunda parte serão enquadradas as componentes específicas da reclusão e do suporte em reclusos de nacionalidade estrangeira.

As questões metodológicas da investigação são orientadas por uma abordagem qualitativa, caracterizando-se os participantes, instrumentos e procedimentos de recolha e análise de dados. Os dados foram recolhidos através da realização de seis entrevistas a reclusos estrangeiros, cujos dados foram analisados e interpretados com recurso aos procedimentos de análise da pesquisa qualitativa.

Numa fase final, descrevem-se os principais resultados desta investigação que se apresentam em forma de categorias e que se criaram indutivamente a partir dos dados, assim como a sua discussão e as principais conclusões na realização deste estudo.

II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. RECLUSÃO E SUPORTE SOCIAL: CONCEITOS E TEORIAS EXPLICATIVAS

2.1.1. Conceito de suporte social

O suporte social começa a surgir na literatura nos anos 80 e 90 do século XX, embora se constitua como um tema de difícil compreensão devido à complexidade e multidimensionalidade em que pode ser abordado. Por isso, a sua conceptualização, definição, abordagens teóricas e modelos explicativos estão ainda muito aquém da opinião consensual dos investigadores (Nunes, 2005). O apoio social é compreendido como uma experiência pessoal, envolvendo a importância de como o indivíduo se sente desejado e respeitado, num conjunto de trocas mantidas entre as interações com os outros (Campos, 2004).

O suporte social é entendido, segundo Sarason e colaboradores (1983), como a existência e disponibilidade das pessoas em quem podemos confiar, que mostram preocupação e que gostam de nós, desempenhadas por um grupo de indivíduos, na pessoa de familiares, amigos, vizinhos ou pessoas significativas que promovam uma rede de relações sociais para com o sujeito (Antunes & Fountaine, 2005). As redes de suporte, de acordo com Cobb (1976), têm papéis predefinidos e prevalecem as trocas afetivas de uma comunicação que deve ser leal, empática e protetora, ocorrendo de uma forma continuada e consistente, uma vez que, Campos (2004, p.142) pressupõe que “Não há suporte sem encontro”.

No entender de Cobb (1976), existem três componentes essenciais do suporte social que este denomina por: emocional, quando existe o sentimento de se ser amado e protegido; valorativa, que pressupõe um sentimento de auto-estima, valorização, respeito e consideração pessoal e uma componente comunicacional em que existe um sentimento de pertença a um determinado grupo ou associação, sendo que as informações são partilhadas por todos. Singer e Lord (1984 *cit in* Ribeiro, 1999) acrescentam que o suporte social pode ser diferenciado em: suporte informal, proporcionado por familiares e amigos; suporte formal, fornecido por organizações ou associações de cariz comunitário ou religioso e o suporte profissional que deriva de profissionais de assistência pessoal.

Numa outra visão do suporte social, Bowling (1997 *cit in* Siqueira, 2008) defende que o suporte é um processo dinâmico que envolve categorias de ordem emocional, instrumental e financeira. Na definição dos tipos de suporte, Rodriguez e Cohen (*cit in* Siqueira, 2008) caracterizam o apoio emocional como o tipo de suporte prestado a outras pessoas por meio de conselhos, empatia, confiança, preocupação, carinho e cuidados. Por sua vez, o suporte instrumental diz respeito ao suporte prático de pessoas ou instituições em ajudas ou tarefas do dia-a-dia.

A partir do momento em que se compreende que o suporte ou apoio social é um constructo multidimensional, Dunst e Trivette (1990 *cit in* Ribeiro & Ponte, 2009; Ribeiro, 1999) apontam a distinção entre cinco componentes que estão relacionadas entre si, nomeando: a componente constitucional que inclui concordância entre as necessidades existentes e o suporte experienciado; a

componente relacional que abrange o tamanho da rede social e dos estatutos pessoais e familiares, assim como a participação ativa em associações; a componente funcional que compreende o tipo, qualidade e quantidade de suporte disponível; a componente estrutural que se refere à proximidade física, psicológica e a frequência e consistência em que são mantidos contactos e, por fim, a componente da satisfação que envolve a utilidade e o auxílio que a rede de suporte ofereceu ao indivíduo.

O suporte social envolve vários aspetos que implicam necessariamente um impacto diferente em diversos grupos de indivíduos, por exemplo, em função da idade (Ribeiro, 1999). Investigações que têm em conta esta variável, assumem que na infância/adolescência do indivíduo o papel da família e do grupo de pares exerce uma grande influência nos comportamentos e estilo de vida futuro (Baptista *et al.*, 2001); Por outro lado, na idade adulta, um estudo desenvolvido por Olsen e colaboradores (1991 *cit in* Ribeiro, 1999), verifica o apoio do cônjuge como o mais influente. Não obstante, na faixa etária dos idosos, o cônjuge parece ter alguma influência, embora o papel da família e de pessoas amigas significativas também exerçam alguma importância no bem-estar físico e psicológico (Antunes & Fountaine, 2005; Ramos, 2002; Resende *et al.*, 2006).

Com a necessidade de compreender a saúde e o bem-estar do indivíduo, o suporte social foi apontado por diversos investigadores como um factor que protege e promove a saúde, uma vez que foram identificados tipos de relacionamentos interpessoais que produziam efeitos benéficos na saúde física e psicológica (Campos, 2004; Siqueira, 2008) e, conseqüentemente, na qualidade de vida dos sujeitos (Matsukura *et al.*, 2002).

O apoio e o suporte social constituem-se como fontes protetoras da qualidade de vida do sujeito em que o apoio exerce um efeito de proporcionalidade direta sobre o bem-estar, na medida em que quanto maior for o apoio social, menor será o mal-estar e, por outro lado, quanto menor for o apoio, maior será a incidência de problemas psicológicos que, conseqüentemente afetam a saúde física e psicológica (Martins, 2005; Matsukura *et al.*, 2002). De acordo com Serra (1999 *cit in* Martins, 2005) o apoio social influencia a saúde do indivíduo, uma vez que estabelece elos afetivos que aumentam a segurança, promovem a integração social favorecendo o reconhecimento de valores e competências, contribuem para trocas em que o indivíduo beneficia de conselhos e informações orientadoras e reforçam a utilidade do ser humano quando é possível a prestação de cuidados a outros.

São realizados alguns estudos relativos a esta associação, tal como o de Schreurs e Ridder (1997 *cit in* Nunes, 2005), composto por 42 investigações com doentes crónicos com diversas patologias, cujos resultados sugeriram que sujeitos com um apoio social eficaz e contínuo se ajustam mais facilmente a acontecimentos de *stress*, funcionando assim, como uma estratégia ou recurso de *coping*. Investigadores desta área de estudo, como House e Kahn (1985 *cit in* Matsukura *et al.*, 2002) salientam uma estrutura teórica dos aspetos que influenciam o suporte social e que, de alguma forma, se relacionam à saúde ou ao *stress* experienciado pelo indivíduo como: os relacionamentos sociais na

sua quantidade e tipo, o suporte social no seu tipo quantitativo e qualitativo, tamanho, intensidade e reciprocidade da rede social.

Embora o apoio social possa estar relacionado com a variável da saúde e bem-estar do indivíduo, Cassel (1974 *cit in* Rodrigues & Madeira, 2009) refere que as condições sociais podem estar associadas a níveis de stress e problemas de saúde, promovendo sentimentos de ineficácia pessoal e isolamento e que quanto maior for o apoio, menor será a incidência de mal-estar psicológico e de transtornos (Martins, 2005).

Partindo do pressuposto que o apoio social é um constructo baseado na troca e reciprocidade das relações entre indivíduos, grupos ou associações, torna-se perceptível que perante fragilidades, quer psicológicas ou físicas, as redes sociais do sujeito tendem a diminuir ficando comprometida a forma e a intensidade com que as trocas são mantidas (Andrade & Vaitsman, 2002).

O apoio social percebido é compreendido como sendo uma variável estável da personalidade e que em termos cognitivos se define como a perceção que o indivíduo tem de que é desejado e que possui uma rede de pessoas que podem prestar auxílio, salientando que existe uma controvérsia entre o apoio social percebido e o apoio social que é na realidade concedido ao sujeito (Sarason *et al.*, 1990 *cit in* Nunes, 2005). No entanto, Vaux (1988 *cit in* Carapinha, 2010) entende que a perceção do suporte corresponde a uma realidade objetiva do suporte recebido até ao momento e, em situações que possa haver divergência entre estas duas perspetivas, a componente fulcral é a perceção. Na distinção entre o que são comportamentos de apoio social e a perceção subjetiva que o sujeito tem da sua rede de apoio, são geralmente avaliados através de questionários que tendem a procurar a realidade objetiva do apoio social concedido (Antunes & Fontaine, 1995).

Tendo em conta a avaliação psicométrica e, na tentativa de compreender e avaliar a multidimensionalidade do apoio social percebido, Moreira e Canaipa (2007) adaptam para a versão portuguesa a Escala de Provisões Sociais¹ que assenta na base teórica de que o apoio social é influenciado por um conjunto vasto de recursos que os indivíduos carecem em momentos de stress. Avalia áreas como: *Aconselhamento, Aliança Fiel, Vinculação, Integração Social, Reafirmação de Valor e Oportunidade* e, por fim a *Prestação de Cuidados*, ressaltando-se em vários estudos realizados a validade deste instrumento na avaliação das diversas dimensões do apoio social percebido (Moreira & Canaipa, 2007)

O apoio social percebido é frequentemente descrito como uma dimensão diretamente influenciada pelas características de personalidade dos indivíduos, na medida em que determinados traços correspondem à forma como os outros interagem, isto é, um sujeito que se apresente com estados de raiva e irritabilidade muito intrínsecas, despoletam reações de afastamento perante os outros (Scarr & McCartney, 1983 *cit in* Swickert *et al.*, 2010), comprometendo a construção de redes

¹ “Social ProvisionsScale” (SPS) desenvolvida por Cutrona e Russell em 1987.

de suporte social e conseqüentemente a percepção do apoio social (Swickert *et al.*, 2010; Dahlen & Martin, 2005). Num estudo desenvolvido com 366 estudantes universitários, Swickert e colaboradores (2010) identificaram cinco grandes traços da personalidade humana – afabilidade, conscienciosidade, extroversão, neuroticismo e abertura à experiência - que estão associados à percepção e disponibilidade do apoio recebido.

Na mesma linha de investigação sobre características da personalidade, Dahlen e Martin (2005) entendem, através de outros estudos anteriormente realizados, que a expressão da raiva se relaciona com uma redução na percepção do apoio social. Assim, de acordo com o seu estudo que envolveu 189 estudantes universitários sobre a expressão da raiva e apoio social percebido, foi possível concluir que apesar de não ser possível inferir relações de causa-efeito a partir dos dados obtidos, os resultados sugerem que expressões de raiva tendem a diminuir as percepções do apoio social. No entanto, é de ressaltar a importância de incluir variáveis do contexto social do indivíduo que podem ser explicativas dos estados de agressividade e irritabilidade (Dahlen & Martin, 2005).

A inclusão de novas variáveis associadas ao apoio social percebido pode ser compreendida através do modelo teórico apresentado por Vaux (1988 *cit in* Antunes & Fontaine, 1995), que entende o apoio social como um processo de trocas dentro de um contexto ecológico, estendido a fatores de ordem pessoal e fatores contextuais que influenciam positiva ou negativamente o processo de suporte social concedido ao indivíduo. Desta forma, os fatores pessoais - extroversão, a atração social, as competências sociais, a orientação face às redes de apoio e as cognições sociais - podem originar desequilíbrios e desajustes nos fatores contextuais. Os fatores contextuais podem estender-se à história familiar, papéis desempenhados socialmente, privacidade, exigências do meio e vulnerabilidades da rede de apoio que, conseqüentemente têm efeitos negativos no apoio prestado e na avaliação subjetiva do sujeito pelo apoio recebido (Vaux, 1988 *cit in* Antunes & Fontaine, 1995)

2.1.2. Suporte social de reclusos

Ainda que o processo de reclusão seja um tema pouco explorado na literatura nacional, é possível compreender que o objetivo inicial de punir os indivíduos passou a ser enquadrado numa perspectiva ressocializadora do recluso, tendo em conta as suas dinâmicas de vida, a sua adaptação, delinquência e possíveis manifestações patológicas (Novais *et al.*, 2010). Pelo contrário, no período Oitocentista as penas de prisão visavam a privação da liberdade associadas a um afastamento do indivíduo com o meio social, com o objetivo último de permitir uma regeneração do sujeito através de um processo de reflexão durante o cumprimento da pena (Vaz, 2000).

A privação da liberdade apesar de ser considerada como fonte de sofrimento e uma experiência muito marcante na vida dos reclusos (Gomes, 2008), as experiências internas do mundo prisional não anulam nem substituem as experiências externas que se constituem como referências para os internos, tal como a família, a sua profissão ou residência, embora sejam ressignificadas e adaptadas ao contexto prisional (Cunha, 1994). A segregação do recluso em relação à sociedade

promove a perda de vínculos familiares e afetivos, forçando a adaptação às normas e regras vigentes no sistema prisional que, conseqüentemente reforçam comportamentos associados à cultura prisional que vão contra aos critérios favoráveis à vida em liberdade (Faustino & Pires, 2009). Por isso, e de acordo com Baratta (2007 *cit in* Faustino & Pires, 2009) é importante que todas as ações a ser desenvolvidas no contexto prisional visem os direitos dos indivíduos, atividades de instrução profissional, assistência médica e psicológica, para que seja possível uma reintegração saudável e eficaz na história de vida do sujeito e não como um processo punitivo e disciplinar.

As redes de suporte dos reclusos a nível geral e a forma como o envolvimento com o exterior são mantidos, quer seja através da rede social externa, quer pelas condições oferecidas pela instituição, é verificada através da existência de serviços mínimos prestados aos reclusos, nomeadamente através do sector da saúde, trabalho, ensino, formação profissional e hotelaria (Cunha, 2008). A prisão é um sistema muito menos fechado e mais dependente do exterior, fatores estes que minimizam os efeitos negativos da privação da liberdade e das diferenças entre a vivência prisional e as situações de liberdade (Cunha, 2008), cujo indivíduo é beneficiado por meio do contacto e das trocas mantidas (Estevam, 2011).

A adoção de uma perspetiva aberta de prisão e da sua aproximação à sociedade encaminha certos autores a investigarem os processos e as estratégias utilizadas pelos reclusos na troca de informações e materiais com o meio exterior, que envolvem o envio de correspondência, o uso do telefone, leitura de jornais, transmissão de rádio e televisão e de outros meios de comunicação que dependem da autorização e controlo da administração do estabelecimento prisional (Ramos, 2011). De acordo com Moreira (2012), a privação de contacto pessoal tem vindo a ser melhorada com o aumento no número de visitas que determinam de forma positiva o estado emocional e social do recluso, diminuindo a dificuldade de manutenção de laços sociais.

A ausência do apoio familiar tem surgido como preocupação para alguns autores, que consideram que a falta deste importante papel pode conduzir a conseqüências negativas no processo de ressocialização do recluso após o cumprimento da pena (Almeida *et al.*, 2003; Oliveira & Lima, 2013), assim como a uma maior probabilidade de reincidência (Teixeira, 2004; Medeiros, 2010; Williams, s.d.).

De entre as visitas que recebem, a família parece ser a principal, sendo que Pinto e Hirdes (2006, p. 681) afirmam ser “a ligação que os reclusos têm com o mundo exterior”. Segundo Clemmer (1940 *cit in* Novais *et al.*, 2010), a falta do contacto com o exterior contribui para um distanciamento em relação às normas e ao sistema institucional que conseqüentemente, compromete a adaptação à prisão. Assim, torna-se importante compreender o sistema de visitas no que diz respeito à importância que a família tem na manutenção dos laços familiares (Dixey & Woodall, 2011). A função da família no processo de reclusão de um dos seus membros é um dos direitos fundamentais de qualquer recluso, reconhecendo-se a sua importância na recuperação de valores na dimensão social ao longo de todo o seu processo de privação de liberdade (Freitas, 2008).

A rede de suporte parece influenciar e contribuir para uma boa adaptação às transições e na capacidade em lidar com acontecimentos emocionalmente exigentes, como a situação de privação de liberdade, sendo que o papel de figuras significativas - familiares e amigos - sugerem ser fulcrais na manutenção de uma boa qualidade de vida, quer consigo próprio, quer com a sua família, fazendo com que os laços sociais prevaleçam e se constituam como bons indicadores após o cumprimento da pena (Kirk, 2003).

A família é um sistema onde o indivíduo pode partilhar as suas emoções, sentimentos, medos e ansiedades de forma afetuosa, sendo que a esta ausência de suporte no contexto prisional pode despoletar implicações ao nível da vergonha, rejeição, falta de confiança e solidão (Oliveira & Lima, 2013). Estudos que visam compreender a perceção que o recluso atribui à sua família como elemento importante do seu processo de reclusão, sugerem que a visita familiar se constitui como positiva, nomeadamente no que diz respeito à minimização dos danos e consequências negativas que advém da privação de liberdade e se revelam significativas no contacto do recluso com o mundo exterior (Dixey & Woodall, 2011). Não obstante, Novais e colaboradores (2010) encontram resultados semelhantes na sua investigação, verificando que a nível familiar os reclusos descrevem bons indicadores de apoio familiar, distinguindo figuras de suporte como os pais, irmãos e cônjuges na sua positiva adaptação ao contexto.

A família assume uma função importante no ajuste e apoio das dificuldades dos reclusos ao sistema prisional e, por isso, não deve ser descurada a relevância de intervir ao nível sistémico-familiar (Novais *et al.*, 2010). Estas famílias poderão apresentar vivências traumáticas do ponto de vista emocional, carência de recursos financeiros, baixa auto-estima, problemas de saúde, pressões sociais, isolamento e dificuldades de relacionamento que tornam o momento da detenção um período com um impacto devastador (Loucks, 2004). Por outro lado, o sistema de visitas pode revelar-se perturbador para a figura de suporte, principalmente quando o recluso é um pai, filho ou companheiro (Dixey & Woodall, 2011).

O sistema de visitas é composto por algumas peculiaridades que podem advir de decisões dos reclusos ou dos próprios familiares de receberem visitas, ou de prestarem apoio aos seus familiares presos, que acarreta uma série de consequências a nível pessoal e judicial (Novais *et al.*, 2010; Dixey & Woodall, 2011; Oliveira & Lima, 2013). No que diz respeito ao processo judicial do recluso, um distanciamento familiar faz com que as entidades de defesa pública sejam acionadas, condicionando o tempo na revisão de processos (Oliveira & Lima, 2013) e, na mesma medida, a ausência de visitas pode ser uma decisão do próprio recluso, que de acordo com Dixey e Woodall (2011), se justifica pelo facto de compreender que todo o processo de visita é doloroso para as suas famílias, valorizando apenas o contacto por carta ou telefone, ressaltando-se nos resultados desta investigação que a evitação do suporte familiar advém do facto de terem filhos e de quererem preservar o seu bem-estar. Apesar dos reclusos tentarem preservar os seus filhos, de um ambiente assustador como descrevem que é a prisão, Johnston (1995 *cit in* Dixey & Woodall, 2011) refere que as crianças que permanecem

com os seus pais que se encontram presos, demonstram maiores níveis de bem-estar comparativamente às outras que estão privadas desse contacto.

Contrariamente, existem os outros sujeitos que aguardam com grande ansiedade uma visita de familiares, que podem contribuir para o seu bem-estar psicológico. No entanto, compreendem que existem fatores externos que dificultam a manutenção dos laços familiares, como as implicações de ordem financeira e de distância ao local de residência (Dixey & Woodall, 2011).

Considerando-se o estudo desenvolvido por Novais *et al.*, (2010) a rede de suporte assenta em duas vertentes: o papel da família e as relações estabelecidas dentro da prisão. No que concerne ao suporte familiar, as figuras significativas apontadas são os pais, os irmãos, os cônjuges, outros familiares e evocam os restantes reclusos como figuras de apoio, embora haja a categoria dos que ressaltam que não têm qualquer tipo de suporte. O estudo de Matos e Machado (2007) sobre reclusão feminina, destaca a importância que o suporte social tem na adaptação à prisão, bem como se subentende a partir dos discursos das reclusas, que o processo de reclusão leva à rutura de relações íntimas, ou porque os companheiros se encontram igualmente detidos ou devido à inexistência de aceitação aquando o momento da detenção. Perante a situação de reclusão de um companheiro, Comfort (2007) salienta um grande envolvimento das mulheres de reclusos como figuras de grande suporte na manutenção de sentimentos de proximidade, ao contrário do que se verifica nos companheiros de mulheres reclusas. Comfort (2007, p.1056) define esta aproximação das companheiras ao sistema prisional como uma “ dualização voluntária do corpo condenado que sofre os castigos da prisão, na realidade, reforça a prisionização secundária das mulheres que não estão encarceradas, submetendo-as repetidamente a um intenso escrutínio e controlo penais”. Ou seja, a partir das visitas e outras formas de comunicação, como o envio de cartas, encomendas e telefonemas, estas figuras colocam em causa a sua privacidade pessoal, visto que são sujeitas a intensas revistas, ameaçando o seu bem-estar emocional e psicológico.

Na compreensão do tipo de suporte e na qualidade das relações dentro da prisão, Novais e colaboradores (2010) sugerem, de um modo geral, uma satisfação significativa do apoio prestado por outros reclusos e pelo *staff* prisional.

2.1.3. Perceção dos reclusos acerca do apoio prestado pelo *staff* prisional

O suporte social parece ter maior influência quando é prestado por elementos da família ou de pessoas significativas na vida do recluso, porém, as relações estabelecidas dentro da prisão parecem constituir-se como satisfatórias e, segundo Bigam e Power (1997 *cit in* Pinheiro & Cardoso, s.d.) as relações dos reclusos com os guardas devem ser igualmente valorativas, uma vez que são agentes ativos do tratamento penitenciário, influenciando a adaptação do recluso e, posteriormente, a sua ressocialização no momento da libertação (Gonçalves & Vieira, 2005).

Novais e colaboradores (2010) defendem que a adaptação do recluso ao meio prisional é influenciada por diversos fatores, entre eles o suporte social que lhe é prestado intra-prisão, desde os

guardas prisionais, à administração do estabelecimento. Os resultados desta investigação realizada com reclusos do sexo masculino sugerem que um grande número de sujeitos afirma boas relações com guardas e elementos da administração e que em momentos em que necessitam de auxílio, a chefia e a direção são apontadas como referências na mobilização de recursos e estratégias para que os problemas e dificuldades se resolvam da melhor forma.

No contexto de reclusão feminina, os discursos são similares acerca do apoio recebido pelos funcionários do estabelecimento, salientando-se relações mais consistentes com as guardas no que concerne a sentimentos de preocupação e responsabilização de comportamentos desajustados ao contexto prisional (Matos & Machado, 2007). Embora os discursos tenham sido favoráveis quando questionadas pelo suporte percebido do *staff* prisional, essas significações restringem-se ao contexto prisional no sentido de as considerarem importantes na adaptação à prisão.

A componente do suporte social associada ao *staff* prisional, em contextos em que a privação da liberdade, a ausência de redes de suporte e de contactos com o exterior se entendem como uma dificuldade, é ainda pouco explorada na literatura nacional, pelo que a revisão bibliográfica acerca desta área é escassa e de difícil compreensão.

2.2. SUPORTE SOCIAL NO CONTEXTO DA RECLUSÃO DE CIDADÃOS DE NACIONALIDADE ESTRANGEIRA

2.2.1. Evolução da reclusão de estrangeiros em Portugal

O estudo da população estrangeira em Portugal assume a sua pertinência na relação existente com os fluxos migratórios, verificados na década de 80 do século XX, devido à independência de ex-colónias portuguesas. Contudo, é na década de 90 que se verifica o expoente máximo da imigração de indivíduos provenientes do Brasil e de alguns países do Leste Europeu (Cádima *et al.*, 2003). De acordo com um estudo realizado por Neto e colaboradores, (2004)², as nacionalidades que caracterizam a população têm vindo a aumentar desde 1981, em que se estimavam cerca de 100 nacionalidades diferentes comparadas a 170 nacionalidades estimadas no ano 2004. As nacionalidades mais eminentes são de países africanos de língua oficial portuguesa, comumente designados por PALOP's - Brasil e países de Leste Europeu - especificamente com maior realce a Ucrânia, Moldávia, Roménia e Rússia.

Entre os anos 1994 e 2003 verificou-se um aumento da população estrangeira de 7.9% nos estabelecimentos prisionais portugueses, contudo este crescimento ocorreu de forma gradual comparativamente à população imigrante legalmente residente (Seabra & Santos, 2006).

O aumento da população imigrante acarreta consigo fatores ambivalentes no que concerne às consequências para o país que acolhe, uma vez que se torna positiva relativamente à contribuição económica, mas por outro lado, e de acordo com Bales (1999, *cit in* Guia, 2012), este fenómeno sugere aspetos negativos no reforço de atividades criminosas e desordenamento social. Associado a este crescimento populacional imigrante, verifica-se, na mesma proporção, um aumento na criminalidade violenta em Portugal que eleva o número de reclusos estrangeiros nos estabelecimentos prisionais, correlacionando o fenómeno da imigração com a emergência do crime (Guia, 2012).

Segundo a literatura norte-americana (Butcher & Piehl, 1999; Reid *et al.*, 2005) existe um aumento da criminalidade na evolução das grandes cidades, contudo esses resultados não estão intrinsecamente associados à imigração e, parecem até revelar uma diminuição na taxa de crimes violentos ao longo do tempo. Porém, características individuais como as habilitações literárias, revelam-se fortes fatores de risco para a ocorrência de trajetórias criminais, quer para indivíduos imigrantes como para nacionais. Acentuando-se ainda, questões sócio-económicas e o sistema político como uma forte influência no incentivo para o desenvolvimento económico das comunidades imigrantes (Butcher & Piehl, 1999; Reid *et al.*, 2005).

Em Portugal, os estudos de Seabra e Santos (2005), assentes nesta premissa apresentam resultados estatísticos sugerindo um índice equitativo entre a criminalidade verificada em cidadãos nacionais e imigrantes, ressaltando que “não se justifica a associação entre imigração e criminalidade,

² Ministério da Administração Interna – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

é uma “ideia feita” que cabe a todos nós combater” (Seabra & Santos, 2005, p.6). A amplificação da criminalidade relacionada com estrangeiros tem assumido destaque na comunicação social, contribuindo para preconceitos, sentimentos de desconforto, e categorização dos recém-chegados como potenciais ameaças facilitando, desta forma, a exclusão no sistema social (Cádima *et al.*, 2003; Ferreira, 2010; Fonseca, 2010; Guia, 2012).

Na reflexão acerca da inclusão da comunidade imigrante, Guia (2010, p.2) afirma que “todo o ser humano tem direito ao usufruto de uma plena cidadania, objetivo final de uma vida repleta de direitos e deveres gozados em igualdade”, ou seja, devem ser reconhecidas as suas liberdades e garantias num processo de desenvolvimento de políticas anti-discriminatórias e de integração que se tornam cada vez mais relevantes a par do fenómeno de globalização (Ferreira, 2010).

A partir de um panorama onde aumenta o número de reclusos estrangeiros no sistema prisional português, Fonseca (2008) no decorrer da sua investigação acerca da sobre-representação de estrangeiros e imigrantes na relação com o controlo da criminalidade, entende que este fenómeno está intimamente relacionado com diversos fatores de ordem social, económica e institucionais. Ressalta ainda que, antes de se constituírem como ameaça à sociedade, são primeiramente um problema de cidadania, que deve ser igualmente combatido quando estes indivíduos ingressam no sistema prisional, visto que à luz da teoria de Barak-Glantz (1981)³, devem ser aplicadas medidas imparciais, justas e comuns à comunidade carcerária.

Em torno desta preocupação e segurança dos direitos de indivíduos estrangeiros no nosso país, existe um particular interesse nos seus processos penais, partindo da hipótese que as entidades judiciais aplicam medidas de tratamento diferentes, comparativamente aos reclusos nacionais (Seabra & Santos, 2006). No entanto, uma investigação levada a cabo por Amorim (2011), sugere uma semelhança nas decisões, não existindo assim qualquer influência da nacionalidade na deliberação da pena.

2.2.2. Suporte Social de reclusos estrangeiros

Acerca da rede de suporte de reclusos estrangeiros levanta-se a hipótese de que devido à distância dos seus países de origem, as redes familiares de apoio, assim como o contacto possa estar comprometido. Neste sentido, Almeida e colaboradores (2003) referem a importância de promover redes de apoio além do círculo familiar, através de visitas de estudantes universitários a reclusos que não têm qualquer tipo de suporte. As conclusões revelaram sentimentos de gratificação para ambos os intervenientes, dando-se especial atenção aos reclusos estrangeiros não-residentes (Almeida *et al.*, 2003).

³ Modelo burocrático-legal – pressupõe a aplicação de princípios e regras rigorosas, universais e equitativas a todos aqueles que estão dentro do sistema prisional de acordo com diretivas e normas estabelecidas por superiores, evitando ações enviesadas pela personalidade e estilo pessoal do diretor no estabelecimento de procedimentos.

Considerando a relevância da qualidade de vida dos reclusos estrangeiros nos estabelecimentos prisionais portugueses, é indiscutível que a nível de dificuldades e necessidades básicas esta população está mais susceptível a contrariedades, consequência do obstáculo da língua que compromete as relações dentro da prisão. Também a falta de visitas, quer de familiares quer de amigos devido à distância do seu meio de residência, acabam por despoletar sentimentos de tristeza, abandono e solidão e até mesmo problemas monetários, na medida em que a ausência de um regime de visitas contínuo, a acessibilidade a produtos de necessidades básicas do recluso se tornam inatingíveis (Gomes, 2011).

Na preocupação com a qualidade de vida em detenção, surge o questionário “Measure of Quality of life in detention” desenvolvido por Alison Liebling e adaptado por Bosworth e Kellezi para a população estrangeira em detenção, constituído por duas partes. A primeira parte deste instrumento é de auto-relato e contém questões sócio-demográficas abertas, por outro lado, a segunda parte é constituída por uma série de afirmações onde o entrevistado deve responder segundo uma escala de Likert de 1-6, variando de “Concordo Totalmente” a “Discordo Totalmente” ou, em acréscimo uma opção “Não sei/Não aplicável” em casos que se torne justificável. Esta segunda parte do questionário revela a pertinência deste instrumento, uma vez que consideram as perceções dos sujeitos acerca da qualidade de vida em contexto de detenção, incluindo áreas como: abordagem humana; decência pelo *staff*; confiança no processo de imigração; justiça no processo de imigração; relação com outros reclusos; cuidados com grupos vulneráveis; relações; cuidados de saúde; comunicação; isolamento; momentos de angústia e drogas (Bosworth & Kellezi, 2012).

Embora a aplicação deste questionário tenha sido direccionada para população imigrante em centros de detenção, os resultados apontam que os detidos não revelam problemas de comunicação com o *staff*, ressaltam boas relações com os outros e com o *staff* em geral e que não existem problemas relacionados com consumos de drogas. No entanto, a maioria dos imigrantes detidos referiram fracas componentes relacionais e sentimentos de desconfiança com outros detidos e com o *staff* (Bosworth & Kellezi, 2012).

Tendo em conta o sistema prisional e, partindo do princípio que os guardas prisionais passam mais tempo com os reclusos, alguns estudos nacionais visaram compreender quais as perceções que os guardas têm acerca destes sujeitos, mais especificamente no que concerne à realidade da reclusão estrangeira em estabelecimentos prisionais masculinos. Um estudo desenvolvido por Gomes, Machado e Silva (2012) com o propósito de compreender a percepção dos guardas prisionais face aos comportamentos dos reclusos estrangeiros de origem PALOP e de Leste Europeu sugere uma diferenciação a este nível.

Desta forma, e no que diz respeito às descrições dos guardas relativas à reclusão masculina de indivíduos do Leste Europeu, apontam que regra geral existe uma dicotomia nas suas atitudes. Por um lado consideram estes sujeitos como perigosos e que, devido às suas formações militares, podem causar alguns conflitos e desordem prisional, no entanto, são vistos como educados, humildes e

bastante respeitadores, adquirindo competências laborais bastante favoráveis ao percurso prisional e à consideração que os guardas e os demais funcionários têm acerca das suas potencialidades. Quanto aos reclusos PALOP, os guardas prisionais comparam os seus comportamentos com aqueles que se adquirem em culturas de bairro, na medida em que existe uma ausência de normas e regras, tornando-os conflituosos e violentos, embora haja igualmente a perceção de que são indivíduos com hábitos laborais e serenos. A questão da residência e não residência em Portugal aquando a detenção é um factor referenciado pelos guardas prisionais neste estudo, salientando-se que os reclusos PALOP que residem em Portugal há vários anos apresentam um comportamento mais problemático (Gomes, Machado & Silva, 2012).

III. ESTUDO EMPÍRICO

3.1. Metodologia

3.1.1. Questão de investigação e objetivos específicos

No processo de produção de conhecimento científico importa definir procedimentos que orientam a investigação numa determinada metodologia, de acordo com um conjunto de objetivos delineados pelo investigador (Almeida & Freire, 2007).

A definição inicial do objeto de estudo constitui-se como uma fase importante do processo de investigação, bem como a decisão metodológica, uma vez que a longo prazo podem influenciar, quer positiva, quer negativamente, o resultado final do estudo.

A população reclusa de nacionalidade estrangeira nas prisões portuguesas tem vindo a aumentar desde o ano 2000 de uma percentagem de 12,2% para cerca de 19%, mantendo-se estável nos últimos anos (Matos *et al.*, 2013).

Neste estudo, a questão de investigação é caracterizar e perceber qual o significado que os reclusos estrangeiros atribuem às suas redes de suporte. No que diz respeito aos objetivos específicos deste estudo, estes são: Conhecer os significados que os reclusos estrangeiros dão ao suporte social no âmbito do seu processo de reclusão; Compreender e conhecer em que medida as relações dentro da prisão se constituem como suporte; Conhecer o suporte externo dos reclusos estrangeiros; Conhecer os meios de contacto dos reclusos estrangeiros com o exterior; Identificar o papel da instituição no contacto dos reclusos estrangeiros com o exterior.

Para dar resposta aos objetivos supra citados, optou-se por uma metodologia de investigação de carácter indutivo, em que se parte de um conjunto parcial de dados para a elaboração de uma possível teoria (Almeida & Freire, 2007). O paradigma associado à presente investigação é de cariz humanista-interpretativo, pois pretende traduzir a realidade do indivíduo quanto à sua história individual e aos seus contextos, assim como ressalta a importância das crenças e dos significados atribuídos ao meio (Almeida & Freire, 2007). O foco principal deste estudo é caracterizar as redes de suporte do recluso estrangeiro e, é a partir dos seus relatos e vivências subjetivas que vai ser possível compreender e caracterizar as figuras significativas, assim como a perceção quanto ao papel da instituição prisional na manutenção dos laços com o exterior. A literatura sobre suporte social revela-se ainda pouco explicativa no que concerne ao apoio prestado a reclusos estrangeiros.

A investigação qualitativa, nomeadamente a utilização das entrevistas, parece ser a abordagem mais adequada na recolha de dados junto dos reclusos estrangeiros, na medida em que será possível uma maior compreensão da realidade que se pretende estudar. Apesar da relevância dos procedimentos metodológicos, é fundamental que na investigação o investigador se constitua como principal instrumento de trabalho, uma vez que o cunho pessoal influencia a forma como se processa e analisa os dados (Gouveia, 1984 *cit in* Alves & Silva, 1992).

3.1.2. Participantes

No presente estudo, os participantes foram selecionados através de um processo de amostragem intencional, visto que o principal interesse assenta nos reclusos estrangeiros que cumprem medida de internamento ou pena de prisão num Estabelecimento Prisional da região Norte. Desta forma, é importante distinguir e ressaltar que o estabelecimento prisional onde foram recolhidos os dados, integra reclusos a cumprir pena de prisão em regime comum e reclusos considerados inimputáveis que se encontram a cumprir medida de tratamento e segurança na Clínica de Psiquiatria e de Saúde Mental. Existem diferenças entre os regimes mencionados e será destacado o aspeto que pode ter impacto em termos de suporte social – regime de visitas.

Com o interesse de explorar as redes de suporte dos reclusos estrangeiros, o que passa pela compreensão da importância dos momentos de visitas, é necessário ressaltar que os regimes de visitas, nomeadamente o critério da frequência, diferem do regime comum para a Clínica de Psiquiatria e de Saúde Mental. Ou seja, enquanto o regime comum beneficia de visitas apenas ao fim-de-semana, os internados da Clínica de Psiquiatria e de Saúde Mental podem receber visitas todos os dias dos seus familiares ou pessoas significativas, num horário estipulado pela instituição.

Após um levantamento da população prisional que se enquadrasse nas características pretendidas neste estudo, foram selecionados 15 reclusos estrangeiros a partir de um processo de amostragem gradual teórico, em função da entrada de novos reclusos estrangeiros no Estabelecimento Prisional, sendo que oito dos participantes estão a cumprir medida de tratamento/segurança e cinco a cumprir pena de prisão em regime comum. Os reclusos assinalados a participarem no estudo foram agrupados em dez nacionalidades diferentes, nomeadamente: Venezuela; Brasil; Cabo-Verde; Espanha; Guiné-Bissau; Itália; Moldávia; Rússia; Ucrânia e por fim, Roménia.

De acordo com a viabilidade deste estudo foram realizadas seis entrevistas, selecionando-se três reclusos estrangeiros do regime comum e três reclusos da Clínica de Psiquiatria e de Saúde Mental, de nacionalidades Venezuelana, Espanhola, Cabo-Verdiana, Russa e Moldávia (ver Tabela 1).

Tabela 1. Caracterização dos participantes

Código Participante	Regime	Nacionalidade
001_RC	Regime Comum	Moldávia
002_CPSM	Clínica Psiquiatria e Saúde Mental	Russa
003_RC	Regime Comum	Cabo-Verdiana
004_CPSM	Clínica Psiquiatria e Saúde Mental	Cabo-Verdiana
005_RC	Regime Comum	Espanhola
006_CPSM	Clínica Psiquiatria e Saúde Mental	Venezuelana

3.1.3. Instrumentos

O instrumento utilizado privilegiará a recolha de dados qualitativos. Foi construído um guião de entrevista, de forma a recolher informação significativa em função dos objetivos da investigação e ampliar a compreensão do objeto de estudo e as suas variadas representações. Valorizou-se a compreensão acerca das diferentes visões de um determinado contexto, sem que o objetivo principal seja quantificar as opiniões dos sujeitos (Fraser & Gondim, 2004).

Na decorrer desta investigação houve a necessidade de construir o instrumento de recolha de dados, um guião de entrevista, obedecendo a um conjunto de parâmetros desde o âmbito e objetivo do instrumento, à população a que se destina e às dimensões que se pretende avaliar (Almeida & Freire, 2007). Qualquer que seja o instrumento de avaliação este é definido por “um conjunto de itens, questões ou situações mais ou menos organizado e relacionado com um certo domínio a avaliar” (Almeida e Freire, 2007, p.134).

Para que fosse possível obter uma melhor compreensão acerca dos significados e pontos de vista do recluso estrangeiro relativamente às suas redes de suporte, as entrevistas foram semi-estruturadas de forma a propiciar novos aspetos ao longo da entrevista e orientar de uma forma lógica e de maior compreensão contextualizada dos fenómenos (Fraser & Gondim, 2004). De acordo com Fraser e Gondim (2004) as entrevistas podem ser estruturadas, não estruturadas e semi-estruturadas. As entrevistas semi-estruturadas são consideradas como as mais utilizadas, pois ajustam perguntas fechadas e abertas para que o participante tenha a possibilidade de abordar variadas componentes dentro do tema que lhe é proposto. No entanto, a entrevista deve seguir um conjunto de perguntas que são definidas pelo investigador de forma prévia a fim de alcançar os objetivos iniciais (Boni & Quaresma, 2005 *cit in* Selltiz *et al.*, 1987). De entre as vantagens apontadas pelos autores relativamente à construção de entrevistas semi-estruturadas, Vázquez e Angulo (2003 *cit in* Meirinhos & Osório, 2010) apontam o facto de serem mais flexíveis, uma vez que não seguem uma ordem específica na realização das perguntas e adapta-se conforme as respostas dadas pelo entrevistado. Tendo em conta a perspetiva de Boni e Quaresma (2005), as entrevistas semi-estruturadas possibilitam uma aproximação entre o entrevistador e o entrevistado que favorecem as respostas espontâneas e, por isso, defendem que quanto menos estruturada for a entrevista, maior será a componente afetiva na interação entre os sujeitos.

A necessidade de construção do guião da entrevista neste âmbito, advém de uma escassez da literatura sobre as preocupações que dizem respeito às redes de suporte em reclusos estrangeiros que se encontram a cumprir medidas privativas de liberdade em Portugal. O principal objetivo foi recolher o máximo de informação, tendo em conta o ponto de vista amplo e subjetivo de cada recluso acerca das redes de suporte externo, bem como das relações significativas criadas dentro do estabelecimento prisional.

O guião de entrevista construído dividiu-se em nove dimensões que agrupam: Apresentação; Introdução; Visitas; Suporte social dentro do estabelecimento prisional; Família; Outras fontes de

suporte; Instituição; Outros e Avaliação do processo. A entrevista inicia-se com a breve apresentação dos objetivos da entrevista e da investigação, ressaltando a confidencialidade e o anonimato dos dados transmitidos (Anexo I).

Na dimensão da Introdução pretendeu-se abordar experiências gerais do processo de reclusão, perceber as interações entre os reclusos e quais os momentos de contacto com o exterior, através de questões que explorem a rotina e a interação social do recluso estrangeiro.

A dimensão referente às visitas explorou a descrição que o recluso fez acerca de quem são as suas figuras de suporte, com que frequência lhe asseguram visitas, o significado que representam para o mesmo e, no mesmo sentido, a satisfação percebida pelo recluso face à forma como ocupa o tempo de visita.

O suporte social dentro do estabelecimento prisional tinha como principal propósito abordar as relações interpessoais e de ajuda entre os reclusos de diferentes nacionalidades e o papel que o *staff* prisional tem no apoio e suporte ao recluso estrangeiro, a partir da exploração de tópicos referentes ao suporte de outros reclusos e ao suporte do *staff* prisional.

Relativamente à dimensão da Família, o objetivo era abordar quais as figuras mais importantes no seio familiar, o papel que têm no processo de reclusão, a frequência dos contactos, o significado que esses laços têm para o recluso, de que forma o beneficiam e se a família tem ou não conhecimento do processo de reclusão do individuo, tendo em conta tópicos referentes à descrição e ao significado do apoio familiar.

Nas Outras fontes de suporte, através de questões relacionadas com a descrição e o significado, pretendeu-se abordar que outro tipo de fontes de suporte tem o recluso, o significado que têm para si, em que medida o tem ajudado no processo de reclusão e a utilidade que este contacto tem na sua vida.

A dimensão da Instituição abordou o seu papel facilitador no contacto dos reclusos estrangeiros com o exterior, de forma a promover a manutenção dos seus laços sociais.

Na dimensão referente a Outros, foi possível abordar a religião, de forma a perceber a importância que tem no seu percurso prisional, os momentos de culto dentro da instituição e se estas circunstâncias ajudam na relação com os outros.

Por fim, foi importante acabar a entrevista com um tema neutro, agradecendo ao recluso pela sua participação e colocar-se de um ponto de vista avaliativo sobre o procedimento.

Através da análise da literatura referente a esta dimensão da vida do ser humano, foi possível indicar alguns instrumentos quantitativos na avaliação do suporte social, entre elas a Escala de Provisões Sociais (Moreira & Canaipa, 2007) e a Escala de Satisfação com o Suporte Social (Ribeiro, 1999), devidamente adaptadas e validadas para a população portuguesa. No entanto, existe uma lacuna na investigação científica no que se refere ao suporte social em indivíduos reclusos, que fundamentam o interesse do presente estudo e talvez a necessidade de construir uma escala adaptada à vivência prisional.

3.1.4. Procedimentos

A recolha dos dados foi realizada após a seleção da amostra e dos pedidos formais de autorização à devida instituição prisional através do consentimento informado. Este documento explica o propósito da investigação, ressaltando a confidencialidade, o anonimato dos dados fornecidos e a possibilidade de desistência a todo o momento sem que isso tenha qualquer dano subjacente ao sujeito (Anexo II).

As entrevistas foram aplicadas individualmente junto dos reclusos estrangeiros, embora não tenha sido possível a sua gravação. O procedimento de solicitação de entrada de um gravador no Estabelecimento Prisional foi realizado tendo em conta os procedimentos formais normais, no entanto, os serviços prisionais centrais não autorizaram a sua utilização (Anexo III). Desta forma, a realização das entrevistas foi realizada através da transcrição direta do discurso do recluso estrangeiro para o papel, embora Duarte (2002) refira que a gravação das entrevistas possa interferir no desconforto do entrevistado, são estas que auxiliam a fase posterior de tratamento dos dados, nomeadamente na fase de transcrição dos conteúdos da entrevista. Neste sentido, o presente estudo não reproduz literalmente os conteúdos das entrevistas como se fossem gravadas, no entanto, houve um grande investimento para que os dados recolhidos fossem representativos e fiéis ao que foi dito na realidade pelo entrevistado.

À medida que se recolhem as informações contempladas nas entrevistas, o material de análise torna-se cada vez mais consistente. É de sublinhar que quando se torna possível reunir um padrão sistemático nas respostas dos indivíduos podemos proceder à análise dos dados, que embora se constituam como ótimas fontes de compreensão dos fenómenos, são mais trabalhosas de analisar e interpretar (Duarte, 2002).

A informação recolhida necessita de ser organizada e categorizada de acordo com os objetivos da investigação, numa fase posterior à transcrição total das entrevistas realizadas (Duarte, 2002).

Seguindo esta metodologia qualitativa, as entrevistas realizadas aos reclusos estrangeiros foram transcritas na totalidade, procedendo-se posteriormente à organização da informação por categorias com recurso ao dispositivo informático Nvivo9. Na análise dos dados recolhidos este *software* foi o mais indicado, na medida em que permite codificar a informação e criar categorias que auxiliaram a organização da informação de um número considerável de dados para uma posterior resposta aos objetivos de investigação (Lage, 2011).

Relativamente à qualidade da pesquisa, este *software* de apoio não aumenta nem diminui diretamente a qualidade dos dados (Lage, 2011). No entanto, este constructo pode ser verificado através da clareza, congruência e comunicabilidade que advém das interpretações relativas à escolha e análise de dados face à coerência dos objetivos propostos na investigação (Pinto; Freitas; Maisonnave, 2008 *cit in* Ollaik & Ziller, 2012).

A partir do guião de entrevista utilizado, foram criadas *à priori* cinco grandes categorias, atendendo aos objetivos deste estudo. Indutivamente, através das análises de conteúdo das entrevistas, criaram-se subcategorias. Após a elaboração de uma árvore de categorias consensual com os dados, procedeu-se ao cruzamento de algumas categorias, de forma a dar resposta aos objetivos.

3.2. Apresentação de resultados

Nesta secção são apresentadas as categorias criadas indutivamente a partir da análise dos discursos dos reclusos estrangeiros sobre as suas redes de suporte social.

Foram criadas cinco categorias centrais, relacionadas com as secções do guião de entrevista que agrupassem de forma coerente os conteúdos das entrevistas. As categorias foram criadas previamente no sentido de serem organizadoras da análise e darem resposta às questões de investigação – Rotina Prisional, Figuras de Suporte, Tipos de Contacto, Tipo de Suporte e Avaliação do Suporte Recebido. Incluídas nestas categorias centrais foram criadas, indutivamente a partir dos dados, subcategorias que melhor traduzissem as narrativas dos reclusos (ver Tabela 2). Em seguida, serão descritas e ilustradas com referência aos discursos dos reclusos sempre que justificável, as categorias resultantes da análise.

Tabela 2. Sistema de categorias criado indutivamente a partir dos dados⁴

<u>CATEGORIAS</u>	<u>SUBCATEGORIAS</u>	
1. Rotina Prisional	<i>1.1. Descrição de rotinas com interação social</i>	
	<i>1.2. Rotinas de isolamento</i>	
	<i>1.3. Momentos de maior vulnerabilidade emocional</i>	
2. Figuras de Suporte	<i>2.1. Família</i>	
	<i>2.2. Amigos</i>	
	<i>2.3. Outros reclusos</i>	
	<i>2.4. Staff prisional</i>	
	<i>2.5. Outras figuras do sistema prisional</i>	
	<i>2.6. Religião</i>	
3. Tipos de contactos	<i>3.1. Interação com outros reclusos</i>	
	<i>3.2. Visitas</i>	3.2.1. Esporádico
		3.2.2. Mensal
		3.2.3. Semanal
		3.2.4. Ausência de visitas
	3.2.4.1. <u>Dificuldades de relacionamento</u>	
	3.2.4.2. <u>Visto</u>	
3.2.4.3. <u>Distância</u>		
<i>3.3. Contactos com o exterior</i>		

⁴ Seguem em anexo (IV e V) a informação pormenorizada sobre a descrição das categorias e a respetiva árvore de categorização com referência ao discurso dos participantes.

4. Tipos de suporte	<i>4.1. Suporte espiritual</i>
	<i>4.2. Suporte financeiro</i>
	<i>4.3. Suporte emocional e orientação</i>
	<i>4.4. Suporte instrumental</i>
5. Avaliação do suporte recebido	<i>5.1. Avaliação positiva</i>
	<i>5.2. Avaliação negativa</i>

1. Rotina Prisional

Nesta categoria foram codificadas as rotinas do recluso ao longo de um dia em meio prisional, de forma a compreender as interações sociais que vai estabelecendo nessas rotinas.

1.1. Descrição de rotinas com interação social

Através da exploração da rotina do recluso estrangeiro no contexto prisional, foi possível compreender que existem algumas atividades em que há uma maior interação social. Esta subcategoria tem em conta a interação, independentemente de configurar suporte social para o recluso estrangeiro. Desta forma, três participantes referem a ida ao bar como sendo um momento de maior interação com alguns companheiros (“*Acordo, vou almoçar... quando me apetece, vou ao bar tomar café e jogo dominó*” – 001_RC), assim como a referência à visualização de televisão e utilização de videogames (“*Depois vamos para as celas ver televisão e jogar Playstation.*” – 004_CPSM). A atividade física é identificada como um momento em grupo por dois reclusos (“*Quando está bom tempo vamos lá para cima jogar futebol* – 004_CPSM). Não obstante, a dimensão laboral é referenciada por um recluso, devido à interação constante com os colegas de profissão (“*Depois vou para o refeitório trabalhar, vamos pôr as mesas e lavar a loiça que vai para a enfermaria com o pequeno-almoço. Às 11/11.30h a carrinha do almoço chega e vamos descarregar a carrinha.*” – 002_CPSM).

1.2. Rotinas de isolamento

Na compreensão da rotina do recluso destacam-se referências a momentos de isolamento.

A necessidade de estar sozinho é apontada por três dos reclusos (“*Não. Não procuro ninguém porque não quero*” – 006_CPSM.) e, referenciada por um entrevistado como, a falta de confiança nos restantes reclusos (“*Não desabafo com ninguém os meus problemas... Os problemas são meus. Não confio em ninguém. Depois passa.*” – 001_RC), a fase da adaptação ao contexto prisional (“*Até ter noção que estava preso, sentia-me isolado, não conhecia ninguém, a forma de ser das pessoas... A frustração é elevada.*” – 003_RC) e, por último, a referência à não participação em cultos religiosos (“*Eles fazem, mas eu não vou. Fazem em português e eu faço sozinho em russo.*” – 002_CPSM).

1.3. Momentos de maior vulnerabilidade emocional

Os momentos após a visita são identificados como delicados por dois reclusos estrangeiros (“*Depois de o meu filho ir embora fico um bocado triste, mas não peço apoio aos outros reclusos.*” – 001_RC); (“*Não sei ... talvez quando estou mais sozinho no fim da visita. Gosto quando tenho visitas e não quero que acabem (risos).*” – 006_CPSM). Um dos reclusos salienta preocupações com a família no meio exterior (“*Sinto-me triste quando estou mais pensativo.... Se a minha mulher e os meus filhos estão bem lá fora. É complicado ...*” - 005_RC).

Através dos discursos, verifica-se que os momentos em que referem mais fragilidades estão relacionados a sentimentos de tristeza. Dois dos participantes concretizam sentimentos e emoções de tristeza, associadas à falta de liberdade (“*Há momentos em que me sinto triste, no dia-a-dia. Fico com saudades da liberdade, fico cansado de trabalhar todos os dias sem liberdade, perco a esperança.*” – 002_CPSM) e a introspecções acerca do passado (“*Tenho más recordações da vida, confidencio comigo próprio e isso magoa-me... deixa-me em baixo.*” – 003_RC).

Importa ressaltar que aquando estes momentos de maior fragilidade, dois referem que não dispõem de qualquer apoio (“*Não sei que lhe diga.... Quando preciso de apoio não o tenho!*” – 001_RC).

2. Figuras de Suporte

Nesta categoria identificam-se, as figuras que, segundo os reclusos estrangeiros, lhes prestam algum tipo de suporte social. Esta dimensão inclui todas as descrições relativas às figuras de suporte, independentemente da avaliação feita a este apoio. Através do conteúdo das entrevistas identifica-se a família, os amigos, outros reclusos, o *staff* prisional, outras figuras do sistema prisional e a religião como as entidades que influenciam diretamente o apoio/suporte prestado ao recluso estrangeiro.

2.1. Família

Verifica-se que todos os reclusos referem familiares – pais, filhos, companheiras, irmãos e família alargada - como sendo uma importante figura de suporte (“*A minha companheira, a minha filha e a minha sogra.*” – 003_RC); (“*O meu pai e as minhas tias*” - 006_CPSM); (“*O meu irmão vem mais vezes porque tem mais possibilidades.*” - 002_CPSM). A família, de acordo com todos os participantes, assume uma função importante na visita e na concretização de sentimentos de bem-estar e felicidade (“*Ver o meu filho tira-me um peso da alma, uma pessoa fica mais surpreendida.... A cabeça está bloqueada, está a ver? E a visita ajuda-me, uma pessoa sente-se mais feliz....*” – 001_RC); (“*Ajuda! Fico contente em ver a minha mãe, quando não vejo fico triste*” – 004_CPSM).

Por outro lado, dois reclusos fazem referência a aspetos menos positivos relacionados com a manutenção de laços familiares (“*Perdemos o contacto. Eles tem o meu número de telefone, mas nunca ligaram.*” – 006_CPSM) e ao conhecimento do seu processo de reclusão (“*A minha mãe namora um português e ela tem vergonha de lhe dizer que estou preso....eu acho.*” – 002_CPSM).

2.2. Amigos

Cinco reclusos fazem referência aos amigos, dividindo-se entre uma perspetivação positiva e negativa enquanto figuras de apoio. Dois participantes recebem visitas de amigos (*“Recebo visitas todas as semanas, do meu amigo M.C. que sabe falar Russo”*- 002_CPSM). Três reclusos referem algum distanciamento destas figuras, embora disponibilizem apoio às famílias dos reclusos e mantenham contacto (*“Dão apoio à minha mulher, vão lá a casa perguntar se eu estou bem... se ela precisa de alguma coisa.”*- 005_RC); (*“Não falo com eles, mas eles perguntam à minha tia como é que eu estou e isso é bom.”* - 004_CPSM).

Verifica-se que um dos participantes faz referência negativa ao suporte prestado por pessoas significativas da sua rede de amigos, na medida em que são questionadas as verdadeiras amizades perante a situação de detenção (*“Quando estamos lá fora temos muitos amigos e quando se vem para aqui vê-se as pessoas”*. - 003_RC).

2.3. Outros reclusos

Quanto ao suporte por outros reclusos, quatro participantes referem procurar apoio quando necessitam de partilhar algum problema (*“Desabafar sim, o O., o Z. e o R. ... São pessoas com quem vivo o dia-a-dia e é com eles que converso.”* - 002_CPSM); (*“Procuo-os quando algo me incomoda... e como estou com eles todos os dias...”*- 004_CPSM).

Quatro dos participantes salientam que prestam apoio a outros reclusos, em situações relacionadas com falta de apoio da família (*“Há alguns que desabafam comigo.... Por exemplo esse que está comigo na cela está a bater mal.... Está a tomar uma mão cheia de comprimidos (risos), fala da família.... Ele é de cá mas não tem apoio.”*- 001_RC), com o âmbito prisional (*“Claro. Temos que nos ajudar uns aos outros. Por exemplo o R. pediu precária e ele pensava que não ia conseguir ir, quando soube que ia até chorou (risos) ... eu sempre a dizer para ele pensar positivo.”* - 002_CPSM) e com sentimentos de saudade de pessoas significativas (*“Quando têm saudades da família, eles choram.... A gente abraça, mas não pode fazer nada...”*- 004_CPSM).

Apesar de quatro participantes referirem apoio por parte de outros reclusos, apenas dois salientam a existência de pessoas de confiança, comparando a relação estabelecida com laços familiares (*“Por mim é quase irmão. Fazemos tudo juntos!”* - 004_CPSM). No mesmo sentido, um recluso identifica o sobrinho, uma vez que está a cumprir medida de privação de liberdade no mesmo estabelecimento prisional e na mesma cela (*“No meu sobrinho sim. Vi-o crescer e somos da mesma família praticamente.”*- 005_RC). Estes mesmos quatro reclusos, assumem falta de confiança nos colegas de reclusão associada a uma insegurança relacionada com a trajetória criminal e contexto prisional (*“As pessoas que foram conhecidos mais próximos aqui já foram embora, portanto agora não tenho ninguém em quem confie ... dou-me bem com toda a gente, falo com toda a gente, mas não confio em ninguém, já houve pessoas de confiança. A cada dia isto está a ficar pior, todos os anos as coisas mudam, parece que saí e voltei a entrar. Tem uma grande diferença desde que entrei.”*-

001_RC); (*“Temos colegas e conhecidos. Há pessoas depois de conhecermos a cadeia ficamos com um pé à frente e outro atrás. A palavra confiança é muito forte, quer dizer muita coisa. Não sinto que posso confiar em alguém”* - 003_RC).

2.4. Staff prisional

No que concerne ao *staff* prisional, quatro reclusos referem as técnicas superiores de reeducação, a psiquiatra, os guardas e as enfermeiras como figuras de suporte (*“Por exemplo, a psiquiatra para mim é uma jóia de pessoa. Fui atendido umas três ou quatro vezes e ouviu-me, os meus problemas.... que as pessoas têm.”* - 001_RC); (*“Nós precisamos sempre deles ... para fazer exames, quando temos uma dor vamos às enfermeiras. Aqui temos que ter atenção porque podemos apanhar muitas doenças. À minha técnica falo de assuntos pessoais, visitas e destas coisas das precárias. Os guardas é que pronto... uns são atenciosos, outros nem por isso.”* - 003_RC).

2.5. Outras figuras do sistema prisional

Relativamente a outras figuras do sistema prisional, um recluso estrangeiro identifica o diretor como uma figura importante no auxílio de questões específicas do dia-a-dia prisional (*“Uma vez também falei com o Diretor por causa de uma televisão e gostei da atitude dele.... No Natal veio ter comigo e disse que me ia pôr a trabalhar.”* - 001_RC); um outro refere o sistema, de uma forma global, no papel facilitador na manutenção de laços com o exterior. (*“Os serviços ajudam, não negam o contacto.”* – 002_CPSM).

2.6. Religião

Por fim, a religião surge como elemento de suporte, uma vez que no discurso de quatro reclusos é perceptível que a dimensão da fé está associada a sentimentos de paz, esperança e a crenças de que o processo de reclusão possa ser minimizado (*“Rezo para ver se saio daqui mais rápido e ter outra vida.”* - 004_CPSM); (*“É ter força e falar com Deus. Tem que se reforçar, pedir a Deus forças e que nos livre do mal... e é bom. É muito bom andar nos caminhos de Cristo! Fortalece-nos, sentimos paz.”* - 005_RC).

3. Tipos de contacto

Esta categoria refere-se às interações relacionadas com suporte social que mantêm, quer através do contacto com outros reclusos, quer com pessoas significativas.

3.1. Interação com outros reclusos

Na interação com outros reclusos são identificadas situações concretas da relação estabelecida com os companheiros de cela e de trabalho, dificuldades de relacionamento e o papel da religião como facilitador na interação entre os seus membros. Desta forma, verifica-se que dois reclusos referem relações significativas com os companheiros de cela (*“Sim, com um sobrinho. Estamos só os dois. Eu passo o tempo todo com ele, só quando ele vai ao ginásio é que fico sozinho.”* – 005_RC), que podem

também ser colegas de trabalho (“*Costumo passear com os meus colegas de trabalho, somos muito unidos. Somos cinco numa camarata, trabalhamos todos no refeitório*” – 002_CPSM). Por outro lado, três participantes referem uma relação respeitosa com os respetivos companheiros de cela (“*Tenho uma relação cordial com essa pessoa. Não tenho uma relação muito próxima porque não quero. Dou-me bem com toda a gente, mas há alguns que evito.*” – 003_RC) e um não revela qualquer envolvimento social com outros reclusos (“*Almoço na enfermaria com os outros... não falo com ninguém! Eu falo pouco*” – 006_CPSM).

Aquando a entrada no sistema prisional, nenhum dos participantes revela dificuldades de comunicação na interação com outros reclusos, no entanto, fazem referência a esta dificuldade com elementos do sistema (“*Com os outros reclusos não tenho problemas, mas com a gerência sim!*” – 001_RC).

Quanto à religião, apenas dois dos seis participantes salientam que é uma mais-valia na interação com outros reclusos do sistema prisional (“*Ajuda, saber que os outros também são jeovás ajuda. Conversamos sobre a nossa religião, o que é bem, o que é mal. Por exemplo, sabe que os jeovás não comem nada com sangue nem podem levar transfusões? Pronto, nós damos opiniões sobre estas coisas.*” – 002_CPSM). No entanto, um refere que a interação se cinge ao momento do culto (“*Estamos três ou quatro. É assim, cada vez que vamos falamos de Cristo, oramos e não sei quê, mas quando vamos para dentro deixamos de falar.*” – 005_RC).

3.2. Visitas

Na análise das entrevistas foi perceptível que quatro dos seis reclusos estrangeiros não beneficiam das visitas que gostariam, sobretudo de familiares diretos e da sua frequência.

A frequência das visitas agrupa-se em esporádica, mensal e semanal. Neste sentido, um dos reclusos, que por norma não recebe visitas, refere visitas esporádicas ao longo do seu percurso no contexto prisional (“*Não, não tenho visitas. Tive uma no Natal... em Dezembro; Desde que estou cá, tive quatro visitas.*” – 001_RC). Dois participantes referem visitas mensais ao estabelecimento prisional por parte de familiares (“*Uma vez por mês.*” – 004_CPSM). Com um acompanhamento mais próximo, três reclusos estrangeiros salientam visitas semanais, quer de familiares, quer de outras pessoas significativas no seu processo de reclusão (“*Todos os fins-de-semana*” – 003_RC); (“*Todas as semanas. Às segundas e quartas.*” – 006_CPSM).

Na ausência de visitas por parte de familiares ao estabelecimento prisional um dos reclusos refere dificuldades de relacionamento, nomeadamente conflitos com o seu progenitor associados a história de violência doméstica no passado (“*Não consigo perdoar o que ele me fez a mim e à minha mãe. Quando eu era pequeno dizia-lhe que me ia vingar dele.*” – 002_CPSM). Um recluso estrangeiro não beneficia de visitas dos pais, uma vez que se encontram no seu país de origem e tem dificuldade

em conseguir visto (*“Estão na Moldávia. São 4000 km, mas o problema não são os quilómetros, o problema é mesmo o visto.”* – 001_RC).

Dois reclusos salientam que não recebem as visitas que gostariam, mais concretamente das irmãs, devido à distância do meio de residência e aos custos que as deslocações acarretam para o seio familiar (*“Claro que não compensa vir cá à visita Não vão fazer trinta e tal horas de viagem para estarem aqui comigo uma hora na visita.”* – 003_RC); (*“A minha irmã, quando Portugal não estava em crise ela vinha sempre. É longe para gastar muito dinheiro.”* – 004_CPSM).

3.3. Contacto com o exterior

No sentido de explorar as interações do recluso com familiares e outras pessoas significativas, procurou-se compreender quais e como são mantidos os contactos com o exterior. Cinco participantes fazem referência a contactos com o exterior por telefone, com uma frequência diversificada entre si.

Através dos discursos, as chamadas são realizadas por cinco reclusos para os filhos, pais, irmãos e companheiras, (*“Ligar, ligo para o meu filho e para o estrangeiro para os meus pais”* – 001_RC), assumindo frequências diárias (*“Ligo à minha mãe e ao meu irmão todos os dias”*– 002_CPSM); (*“Todos os dias às 18.00h ligo à minha companheira, filhota e para a minha sogra.”* - 003_RC).

As saídas jurisdicionais concedidas pelo Tribunal são igualmente consideradas como meios de contacto com o exterior, no entanto, só um recluso beneficia desta medida (*“Fui apenas uma vez de precária. Foi no mês passado.”* – 003_RC). Dos que não beneficiam, dois mencionam registos de processos pendentes, manutenção de perigosidade social e um destes participantes refere que não lhe são concedidas saídas devido ao facto de ser estrangeiro (*“Não me dão saídas ao exterior, o juiz não me dá porque sou estrangeiro”*– 001_RC)

4. Tipos de suporte

Nesta categoria foram codificados os tipos específicos de suporte descritos pelos reclusos estrangeiros.

4.1. Suporte espiritual

Esta componente do suporte surge associada à dimensão da religião como elemento de apoio ao recluso estrangeiro durante o processo de reclusão. Neste sentido, um recluso associa este suporte às visitas que beneficia de um casal Testemunha de Jeová (*“Dão-me apoio espiritual, dão-me coisas de sabedoria, trazem-me revistas com coisas da vida. Essas revistas trazem muitos exemplos, dificuldades que tinham e como ultrapassaram as dificuldades.”* – 002_CPSM).

4.2. Suporte financeiro

No apoio prestado financeiramente, quatro reclusos mencionam este tipo de suporte prestado por familiares e amigos. Três dos reclusos ressaltam a família neste tipo de apoio durante o processo

de reclusão (“Tenho a minha irmã em França que me apoia financeiramente.”- 003_RC) e um refere o apoio dos amigos. De acordo com os discursos dos quatro reclusos, o apoio prestado assegura os custos de todas as despesas de alimentação, higiene e cuidados básicos dos reclusos (“Se tivesse trabalho tinha para as minhas verbas, para a minha higiene e para não faltar nada.... Assim é a minha mulher que tem que mandar tudo.” – 005_RC).

4.3. Suporte emocional e orientação

Cinco participantes fazem referência a esta dimensão do suporte recebido. Relacionado a discursos de conselhos, apoio e esperança prestada por pessoas significativas “Ajuda porque eles compreendem e apoiam. Dão-me conselhos e avisam-me para não me meter com as pessoas erradas.” – 002_CPSM), quatro reclusos mencionam a família neste tipo de suporte (“A minha família claro que é importante, dá-me apoio moral, conselhose beneficia, claro – 003_RC). Apenas um dos reclusos salienta este tipo de apoio aos guardas (“Eles ajudam-me na forma de educar ... dizem-me «não debes fazer assim.... faz antes assim», dão-me conselhos e há guardas que fazem sacrifícios pelos doentes.”- 002_CPSM). Um participante refere esta componente do suporte por outros reclusos (“ele dá-me bons conselhos.... Para ter calma, força e que falta pouco para ir embora.”- 005_RC).

4.4. Suporte instrumental

Esta componente do suporte destaca o papel facilitador da instituição na manutenção dos contactos com o exterior. Três reclusos referem que a instituição é facilitadora dos contactos, sendo que dois destacam o momento da visita (“A nível de visitas sim. Só que às vezes a visita atrasa, não sei é se é culpa dos guardas ou do sistema.” – 003_RC).

No sentido de perceber qual o tipo de suporte mais referenciado pelos vários participantes, cruzou-se esta categoria com o tipo de regime de cumprimento de medida (ver Tabela 3.)

Tabela 3. Cruzamento de categorias⁵: Tipo de suporte AND Classificação do Regime: 1 – Regime Comum; 2 – Clínica de Psiquiatria e de Saúde Mental

	Regime: Comum	Regime: Clínica
<u> Tipo de suporte</u>	N (Número de unidades de registo)	
4.1.Suporte Espiritual	0	3
4.2.Suporte Financeiro	4	1
4.3.Suporte Emocional	6	3
4.4.Suporte Instrumental	4	6

⁵ Os cruzamentos apresentados nas tabelas 3, 4 e 5, resultam da utilização de uma funcionalidade do software Nvivo9 designada “Querie”.

5. Avaliação do suporte recebido

Nesta categoria estão codificadas todas as referências que configuram avaliações positivas e negativas do suporte social recebido pelos reclusos estrangeiros.

5.1. Avaliação positiva

Na avaliação positiva do suporte recebido, os seis participantes identificam aspetos positivos relacionados com o momento da visita (*“Ver o meu filho tira-me um peso da alma, uma pessoa fica mais surpreendida.... A cabeça está bloqueada, está a ver? E a visita ajuda-me, uma pessoa sente-se mais feliz...”* - 001_RC).

As figuras de suporte mais identificadas nesta componente da avaliação pelos seis reclusos são os familiares (*“As da família, claro! Para mim é importante a família porque eu estou longe da minha família há 6 anos e telefono para a minha mãe todos os dias e sinto a energia dela, partilho tudo com ela e sinto-me mais feliz.... O meu irmão também me apoia muito.”* – 002_CPSM). É de sublinhar que três dos participantes fazem referência à falta de visitas por parte de certos familiares, contudo parecem compreender os diversos fatores que influenciam a dificuldade na frequência de visitas ao estabelecimento prisional (*“É assim, a minha família é muito unida. A minha madrinha, o meu primo e uma tia vinham visitar-me. A minha família só não vem mais vezes porque fica muito caro vir cá acima.”* – 004_CPSM); (*“E eles não vêm visitar mas são lá do bairro, damo-nos bem. Sabe, o meu irmão é doente e tem aquela pilha no coração e por causa aqui da máquina ele não pode entrar.”* – 005_RC). Três participantes identificam o apoio prestado por outros reclusos como positivo (*“É boa... é boa é! Damo-nos bem e entendemo-nos”*– 005_RC) e dois salientam o apoio do *staff* prisional, especificamente dos guardas e enfermeiras (*“Eles ajudam-me na forma de educar ... dizem-me «não debes fazer assim.... faz antes assim», dão-me conselhos”*– 002_CPSM). Outras figuras do sistema prisional são identificadas como positivas por um recluso associado ao apoio prestado pelo diretor. (*“Uma vez também falei com o Diretor por causa de uma televisão e gostei da atitude dele.... No Natal veio ter comigo e disse que me ia pôr a trabalhar”* – 001_RC).

Quatro reclusos salientam o tipo de apoio emocional e orientação como o mais significativo na avaliação positiva do suporte (*“Ajuda porque eles compreendem e apoiam. Dão-me conselhos e avisam-me para não me meter com as pessoas erradas.”* – 002_CPSM). Três referem o apoio financeiro (*“Se calhar se eu não tivesse a família que tenho, talvez não pensasse como penso agora. Dão-me apoio e fazem sacrifícios por eu estar aqui.”*– 003_RC). Quatro reclusos referem o suporte instrumental como positivo, no que concerne à manutenção de contactos com o exterior a nível de visitas (*“Mas nas visitas eles ajudam... deixam entrar mais que 1kg de comida e alteraram o meu horário de visita para de manhã para que a minha mãe me pudesse ver.”* – 004_CPSM).

5.2. Avaliação negativa

Na avaliação negativa do suporte recebido, verifica-se que apenas um recluso faz referência à família, no sentido de não receber as visitas que gostaria com mais frequência (*“Há cinco meses, mais ou menos. Ela diz que me vai visitar quando eu for de precária e quando eu estava no EP de Caxias a minha família ia-me visitar todos os dias. “– 004_CPSM).Na relação estabelecida com outros reclusos, aliada a uma componente de confiança e suporte no outro, cinco reclusos fazem uma avaliação negativa (“Não! Conhecidos tenho muitos, amigos tenho poucos... não há amigos na cadeia (risos)!” – 001_RC); (“Temos colegas e conhecidos. Há pessoas depois de conhecermos a cadeia ficamos com um pé à frente e outro atrás. A palavra confiança é muito forte, quer dizer muita coisa. Não sinto que posso confiar em alguém.”- 003_RC).*

Quanto ao *staff* prisional, as avaliações negativas surgem nos discursos de três reclusos, relacionadas com a falta de resposta a situações concretas (*“Não! Eles não ajudam em nada”. – 004_CPSM*), a sentimentos de injustiça (*“É muito complicado isto. Não me ajudam em nada.... Também nunca precisei da ajuda deles... esta cadeia é muito complicada, são todos uns trifulhas. Puseram-me como perigoso para a sociedade...veja lá! Como é que é possível? Nunca tive castigos, nunca andei à porrada e sou educado com os guardas, com as técnicas.... Eles aqui quando estão mal dispostos pegam com as pessoas! Isto custa, não é?” – 005_RC*) e a dificuldades no entendimento da língua (*“Sim, fiz uma participação por causa disso, ao grupo que andam a investigar os guardas.... SAE ou ASAE. Íamos para a escola e já estávamos atrasados e os guardas estavam na conversa com uma senhora, estavam de serviço, não estavam a namorar! E nós para ir para a escola, vamos em fila e vai um guarda à frente e outro atrás. E eles estavam a ir devagar, a namorar, assim na boa e o guarda disse qualquer coisa que eu não entendi, mas eu entendi que era para andar em fila e ele agarrou-me e disse “Tu já não vais para escola”... e fiquei aqui dentro fechado.”- 001_RC).*

O tipo de apoio instrumental - associado ao apoio da instituição no apoio dos contactos com o exterior - é avaliado negativamente por cinco reclusos estrangeiros. É de ressaltar que quatro dos participantes identificam dificuldades específicas no contacto telefónico (*“Não. Não consigo telefonar... nem falar com ninguém.”– 006_CPSM*); (*“Mas o meu pai liga para aqui e não deixam falar com ele.”- 004_CPSM*) e apenas um refere o sistema de visitas como obstáculo à manutenção de laços com o exterior (*“Só que às vezes a visita atrasa, não sei é se é culpa dos guardas ou do sistema. Mas a visita que é de uma hora, às vezes temos meia hora, quinze minutos... acho que duas horas por semana com a família é muito pouco. Isso é privar, poderia ser melhor.” – 003_RC).*

De forma a perceber quais as referências mais positivas e negativas na avaliação do suporte, cruzou-se esta categoria com o regime de cumprimento da medida (ver Tabela 4.)

Tabela 4. Cruzamento de categorias – Avaliação do suporte recebido AND Classificação do regime (1- Regime Comum; 2- Clínica de Psiquiatria e Saúde Mental)

	Regime: Comum	Regime: Clínica
Avaliação do suporte recebido	N (Número de unidades de registo)	
5.1.Avaliação positiva	18	25
5.2.Avaliação negativa	21	6

De uma forma geral e, através dos resultados, as figuras de suporte que surgem associadas a um maior número de referências positivas são elementos da família, seguidas por outros reclusos, *staff* prisional, outras figuras do sistema e a religião como elemento de suporte. Relativamente às figuras de suporte avaliadas de forma negativa, os outros reclusos destacam-se no discurso dos participantes, seguidamente os elementos do *staff* prisional e, curiosamente a religião surge como elemento apenas de ordem positiva para os reclusos estrangeiros.

No que diz respeito ao tipo de suporte, destaca-se o suporte emocional e orientação como referenciado positivamente, contrariamente ao suporte instrumental – suporte prático prestado pela instituição na manutenção de contactos com o exterior – que revela ser a única dimensão do suporte com referências negativas.

No sentido de verificar o modo como as referências às figuras e o tipo de suporte se cruzam com uma avaliação mais positiva ou negativa pelos reclusos, procedeu-se a um cruzamento dessas categorias (ver Tabela 5.).

Tabela 5. Cruzamento de categorias – Figuras de suporte; Tipo de apoio AND Avaliação suporte recebido

<u>Figuras de suporte</u>	5.1. Avaliação positiva	5.2. Avaliação negativa
	N (Número de unidades de registo)	
2.1.Família	14	1
2.2.Amigos	1	1
2.3.Outros reclusos	2	4
2.4.Staff Prisional	2	2
2.5.Outras figuras do sistema prisional	2	1
2.6.Religião	2	0
<u>Tipo de suporte</u>		
4.1.Suporte Espiritual	0	0
4.2.Suporte Financeiro	4	0

4.3.Suporte Emocional	6	0
4.4.Suporte Instrumental	4	7

3.3. Discussão de resultados

Os resultados sugerem que as avaliações positivas encontradas no discurso dos participantes estão relacionadas com os momentos da visita, a importância do apoio da família, o suporte por outros reclusos e o papel da instituição no apoio dos contactos com o exterior.

Na avaliação do suporte recebido, os resultados indicam que as referências positivas do suporte estão relacionadas com o regime de cumprimento da medida privativa de liberdade. Verifica-se então, que há mais referências positivas do suporte recebido nos discursos de reclusos estrangeiros em medida de tratamento e segurança na Clínica de Psiquiatria e de Saúde Mental e, por outro lado, as avaliações negativas são maioritariamente referenciadas pelos reclusos estrangeiros do regime comum associadas ao apoio intra-muros – suporte por outros reclusos, staff prisional e apoio da instituição nos contactos com o exterior.

O momento da visita por familiares caracterizou-se como sendo um momento agradável, proporcionando sentimentos de bem-estar geral e de expressões emocionais positivas no recluso estrangeiro que, de certa forma, assentam no estudo desenvolvido por Dixey e Woodall (2011) em que as visitas eram entendidas como importantes na minimização dos efeitos negativos que advêm da rotina prisional. Não obstante, a visita dos filhos verificou-se como igualmente significativa na manutenção de sentimentos positivos em três dos reclusos, no entanto, estudos desenvolvidos sugerem uma privação de contacto com os filhos por meio de visitas, como uma opção do próprio recluso na proteção da criança (Dixey & Woodall, 2011).

Na compreensão do papel das figuras significativas acerca do suporte, as pesquisas sugerem que os discursos dos reclusos apontam estas figuras na importância do apoio prestado, assim como na manutenção de visitas ao estabelecimento prisional (Dixey & Woodall, 2011). A partir da análise dos dados recolhidos e, de acordo com Novais e colaboradores (2010), as figuras de suporte constituídas pela família parecem ser as mais significativas no suporte social prestado aos reclusos, evidenciando-se o papel dos pais, irmãos, cônjuges e filhos.

No apoio prestado pelos familiares, o discurso dos participantes evidenciam o seu papel central na manutenção de visitas ao estabelecimento prisional, premissa esta que é corroborada por Pinto e Hirde (2006) na compreensão de que a família é o elo de ligação do recluso ao meio exterior. A ausência de suporte da família pode contribuir, segundo Oliveira e Lima (2013) para sentimentos de falta de confiança, vergonha e solidão, sendo que neste estudo um dos participantes que não beneficia de visitas regulares da família direta, revela uma fraca componente relacional no contexto prisional e descreve de momentos de isolamento frequentes na sua rotina.

Através dos resultados é possível depreender que globalmente existem avaliações positivas ao apoio prestado pela família, contudo existe referência de algumas dificuldades pelos reclusos estrangeiros na satisfação com a frequência das visitas por pessoas da sua família, devido a dificuldades financeiras e distância ao seu meio de residência (Dixey & Woodall, 2011).

Além do papel da família ser realçado na importância do suporte social do recluso, Novais e colaboradores (2010) no seu estudo, revelam resultados que apontam para a identificação de outros reclusos nas relações de suporte estabelecidas no contexto prisional. Contudo, no presente estudo os resultados apontam, globalmente, para uma avaliação negativa deste suporte, uma vez que as relações de confiança entre os reclusos são pautadas por sentimentos de insegurança face à vertente criminal de cada um dos companheiros.

Tendo em conta o estudo de Novais e colaboradores (2010), o *staff* prisional assume também uma importante função no suporte prestado a reclusos, verificando-se através dos resultados relações significativas com guardas, elementos da direção e da chefia. Na análise dos resultados desta investigação é possível perceber que existem diferentes perspetivas na avaliação do suporte por membros do *staff* prisional.

Os resultados indicam que os participantes que se encontram em regime de tratamento e segurança na Clínica de Psiquiatria e de Saúde Mental fazem referências positivas acerca do apoio recebido pelo *staff* prisional do estabelecimento prisional e que, por outro lado, reclusos a cumprir pena em regime comum salientam insatisfação face a este suporte. Esta diferença, embora não tenha sido explorada na dimensão da entrevista, pode ser explicada devido às características da população de cada um dos regimes e pela proximidade com os serviços do estabelecimento prisional. A população da Clínica de Psiquiatria e de Saúde Mental necessita de cuidados específicos devido às perturbações psicopatológicas de que padecem e, conseqüentemente, o apoio prestado por todos os elementos do sistema prisional acaba por ser mais centrado e próximo em comparação com aquele que é desenvolvido no regime comum.

Relativamente à avaliação do tipo de suporte recebido, também as referências encontradas se distinguem entre os regimes. Elementos do regime comum apontam um maior número de referências positivas de suporte financeiro e emocional associado a familiares e amigos e, por outro lado, reclusos estrangeiros a cumprir medida de tratamento e segurança associam o apoio emocional a familiares e ao *staff* prisional, especificamente os guardas prisionais, similarmente aos resultados encontrados por Matos e Machado (2007) num contexto de reclusão feminina.

No que diz respeito aos tipos de suporte mais visíveis e significativos no regime da Clínica de Psiquiatria e de Saúde Mental é possível apontar a religião como elemento de suporte e, no mesmo sentido o suporte instrumental. A grosso modo, esta componente do suporte está relacionada com o tipo de apoio prático que é prestado pela instituição, neste caso concreto, no apoio do contacto do recluso estrangeiro com o exterior.

Nos contactos com o exterior, tendo em conta ambos os regimes, foram identificadas as chamadas telefónicas a familiares e amigos, de frequência maioritariamente diária, entre os participantes e saída jurisdicional, que apenas um dos reclusos beneficiava. A aproximação do recluso ao exterior é mantida, segundo Ramos (2011), através do uso do telefone e a até mesmo pela visualização de televisão, que é igualmente apontada nos resultados por grande parte dos reclusos.

Na manutenção dos laços com o exterior, a instituição parece ter uma importância significativa, uma vez que a utilização dos meios de comunicação dependem da autorização dos serviços (Ramos, 2011). Deste modo, os resultados apontam para duas perspetivas distintas do papel facilitador dos serviços que, por um lado mencionam dificuldades inerentes aos contactos telefónicos, mas que a nível de visitas a instituição facilita e é flexível com os horários e questões de entrada de alimentos.

A atividade laboral é ainda entendida como uma importante componente na manutenção de ordem e segurança no contexto prisional, atenuando consequências negativas dos efeitos da inatividade e promovendo competências sociais e pessoais que facilitam uma reintegração futura (Gomes *et al.*, 2004). Desta forma, os resultados apontam que três dos participantes que estão inativos laboralmente apresentam na sua rotina momentos de isolamento, sendo que um em particular revela fragilidades e episódios de acompanhamento psiquiátrico no meio prisional. Focalizando a análise neste recluso, verifica-se que estas vulnerabilidades, segundo Andrade e Vaitsman (2002), podem influenciar negativamente as relações sociais que tendem a diminuir na sua forma e intensidade. Curiosamente, este recluso estrangeiro não mantém relações significativas dentro da prisão, não dispõe de visitas regulares e faz referência a diversas avaliações negativas relacionadas com o *staff* prisional e com todo o sistema de justiça. Embora exista esta referência negativa em particular, as satisfações com o suporte recebido em geral são mencionadas maioritariamente pelos participantes que não estão integrados em atividades laborais. As possíveis justificações perante este resultado prendem-se com a representatividade da amostra, que se caracteriza como não-trabalhadora, por questões relacionadas com o suporte financeiro, garantido por familiares e amigos, e pela frequência de contactos e de visitas de pessoas significativas que contribuem para um bem-estar global do recluso estrangeiro em contexto prisional.

IV. CONCLUSÕES

Perante um processo de globalização é necessário atender às necessidades e direitos da população estrangeira para que a sua inclusão seja possível de uma forma equitativa e respeitosa. As investigações realizadas no âmbito da reclusão não haviam explorado o constructo do suporte social, revelando algumas lacunas quando o foco de interesse era percepção e o discurso do recluso. Da mesma forma, a literatura sobre suporte social não especifica a reclusão estrangeira, daí o interesse e pertinência do tema na realização deste estudo. Esta investigação surge com o intuito de caracterizar e compreender o significado do suporte de reclusos de nacionalidade estrangeira em Portugal, desde o significado que atribuem ao suporte, à identificação dos meios de contacto com o exterior, ao papel facilitador da instituição, às relações de suporte dentro da prisão e à caracterização geral do suporte externo.

As principais conclusões sugerem que as figuras de suporte mais relevantes para os participantes são elementos da família, associados a um apoio de cariz financeiro e emocional. De entre os elementos da família, os pais e os filhos ressaltam-se como as figuras mais significativas para os reclusos estrangeiros. A figura dos filhos surge neste estudo como importante conclusão, uma vez que nos estudos desenvolvidos acerca do suporte social em contexto de reclusão, estes elementos do núcleo familiar tendem a ser protegidos e afastados da pressão e efeitos negativos do contexto prisional.

O apoio dos amigos ou de outras figuras significativas estão relacionados a suportes de cariz financeiro e emocional, assumindo-se igualmente, como importantes figuras de suporte do recluso estrangeiro. No que concerne ao apoio por outros reclusos e pelo *staff* prisional este é caracterizado por apoio emocional. O momento da visita pelas figuras de suporte, verificou-se como um ponto de realce na vida dos reclusos estrangeiros, uma vez que se associa à minimização de efeitos negativos da rotina prisional, aliado a sentimentos de bem-estar e expressões emocionais positivas.

O contacto com o exterior é mantido através do uso do telefone, visualização de televisão e de saídas jurisdicionais, de forma a promover os laços sociais e familiares. Nesta aproximação com o exterior, o papel da instituição verificou-se como facilitador dos contactos, nomeadamente no que diz respeito ao sistema de visitas.

Os aspetos positivos referem-se ao momento da visita, à importância da família no processo de reclusão, ao tipo de apoio prestado, ao apoio pelo *staff* prisional e ao papel da instituição nos contactos com o exterior. Por outro lado, as referências negativas do suporte estão globalmente relacionadas com o suporte do *staff* prisional e o papel da instituição na manutenção dos laços sócio-familiares, embora se verifiquem algumas contrariedades nos discursos. No que diz respeito ao apoio prestado pela instituição nos contactos com o exterior, percebe-se que a nível telefónico existem referências negativas, no entanto, o momento das visitas é compreendido como sendo facilitado pela instituição, constituindo-se neste estudo como o principal momento que promove sentimentos de bem-estar no

recluso. Desta forma e, de acordo com Matos e Machado (2007), existe uma ambivalência no discurso dos reclusos, na medida em que diretamente revelam que a instituição não suporta, mas que através dos seus discursos, percebe-se que indiretamente dão exemplos de suporte – papel facilitador das visitas.

Existem fatores que diferem entre os regimes em que se encontravam os diferentes participantes e que possam influenciar diretamente a percepção do suporte recebido e, conseqüentemente, a avaliação desse mesmo suporte principalmente no que concerne ao apoio pelo *staff* prisional. O regime de visitas e a aproximação com os guardas e todos os serviços do estabelecimento prisional é mais acessível na Clínica de Psiquiatria e de Saúde Mental, verificando-se por isso, avaliações mais positivas do suporte pelo *staff* prisional nos discursos dos reclusos deste regime.

Na compreensão da satisfação do suporte social, é possível concluir que os participantes que descrevem a sua rede de suporte familiar - e de outras pessoas significativas - como mais alargada e com relações próximas na sua forma e intensidade, tendem a caracterizar o apoio recebido como positivo. Pelo contrário, verifica-se que quando existem lacunas na rede de suporte dos reclusos a nível familiar, a avaliação do suporte recebido, é na sua generalidade negativa.

Apesar deste estudo responder aos objetivos propostos no início da investigação, surgiram algumas limitações que podem ser apontadas como dificuldades ao longo de todo este processo. Tratando-se de uma investigação num contexto prisional, houve a necessidade de realizar uma solicitação de entrada de gravador para a realização das entrevistas à Direção Geral dos Serviços Prisionais que foi recusada. Desta forma, as entrevistas foram transcritas no decorrer da entrevista pela investigadora, salvaguardando ao máximo o fiel discurso do participante. Contudo, é inevitável a perda de informações e aspectos relevantes do tom de voz e silêncios do entrevistado ao longo da entrevista que devem ser igualmente interpretados à luz do discurso do participante.

A realização de poucas entrevistas, pode ser indicada como uma limitação ao estudo, na medida em que desvaloriza a saturação teórica prevista em estudos deste cariz metodológico. Os próprios participantes apresentam características que levantam dificuldades. De facto, a realização de entrevistas com indivíduos com diagnóstico de perturbação mental, a cumprir medida de tratamento e segurança num estabelecimento prisional, é morosa e de difícil compreensão, havendo uma necessidade constante de adaptação do entrevistador à situação da entrevista.

Perante os resultados obtidos nesta investigação, surgem algumas questões que podem ser exploradas em estudos posteriores - diferença do plano de visitas entre regimes, a acessibilidade aos serviços e a maior proximidade com o *staff* prisional – Na identificação destes aspetos constataram-se diferenças claras a nível de tratamento pelo *staff* prisional entre reclusos em regime comum e reclusos em regime de tratamento na Clínica de Psiquiatria e de Saúde Mental.

A nacionalidade estrangeira não se revelou, neste estudo, um obstáculo ao apoio recebido por familiares e outras pessoas da rede social, uma vez que os familiares da maioria dos participantes

residem em Portugal. Contudo, em estudos posteriores seria interessante perceber quais as redes de suporte de reclusos estrangeiros não-residentes em Portugal. Associada a esta preocupação de investigação, um relatório elaborado por Matos e colaboradores (2011) sobre mulheres estrangeiras na prisão, salienta uma maioria de mulheres reclusas não residentes.

As investigações acerca do suporte social em população reclusa não se têm revelado explicativas, havendo por isso a necessidade futura de desenvolver um instrumento psicométrico que abarque dimensões do suporte social específicas ao contexto da reclusão.

A realização desta investigação contribui com novas pistas na compreensão das redes de suporte do recluso estrangeiro nas prisões portuguesas, nomeadamente acerca da avaliação do suporte pelo *staff* prisional e por outros reclusos, a diferença entre a satisfação com o suporte influenciada pelo regime de cumprimento da medida, assim como o importante papel dos filhos na manutenção de aspetos positivos no processo de reclusão e conseqüentemente, no seu bem-estar geral.

Os resultados negativos acerca do apoio prestado por outros reclusos e pelo *staff* prisional conduzem à necessidade de refletir acerca do apoio que o recluso estrangeiro recebe intra-muros, onde acaba por estar confinado durante longos períodos de tempo.

Os resultados deste estudo trazem algumas implicações para a prática. Efetivamente, é importante identificar e avaliar situações de risco, como a ausência de suporte social. Esta ausência pode trazer conseqüências negativas ao nível do bem-estar geral do indivíduo e da incidência de transtornos psicológicos (Martins, 2005), num contexto onde as condições como a sobrelotação, a falta de serviços e o próprio espaço físico podem ser entraves à resolução destes problemas.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, J., Duarte, M., Fernando, P., Sousa, F. & Abreu, P. (2003). A reinserção social dos reclusos: Um contributo para o debate sobre a reforma do sistema prisional. *Observatório permanente da justiça Portuguesa – Centro de estudos sociais: Universidade de Coimbra*.
- Almeida, L.S. & Freire, T. (2007). *Metodologia de Investigação em Psicologia e Educação* (4ª Edição). Braga: Psiquilíbrios.
- Alves, Z.M.M.B. & Silva, M.H.G.F.D. (1992). Análise Qualitativa de Dados de Entrevista: Uma proposta. *Padéia*, 2, 61-69.
- Amorim, S.A.V.A.V. (2011). *Estrangeiros e Criminalidade em Portugal: O papel da nacionalidade na decisão judicial*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho.
- Andrade, G.R.B. & Vaitsman, J. (2002). Apoio Social e Redes: Conectando Solidariedade e Saúde. *Ciências & Saúde Coletiva*, 7 (4), 925-934.
- Antunes, C. & Fontaine, A.M. (1995). Diferenças no Apoio Social na adolescência: Adaptação de uma escala, o “Social Support Appraisals” (ssa) de Vaux *et al.* (1980). *Cadernos de Consulta Psicológica*, 11, 115-127.
- Antunes, C. & Fountaine, A.M. (2005). Percepção de Apoio Social na Adolescência: Análise Factorial Confirmatória da Escala Social Support Appraisals. *Padéia*, 15 (32), 355-366.
- Baptista, M.N., Baptista, A.S.D. & Dias, R.R. (2001). Estrutura e Suporte Familiar como Fatores de Risco na Depressão de Adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21 (2).
- Barak-Glantz, I.L. (1981). Toward a Conceptual Schema of Prison Management styles. *The Prison Journal*, 42-60. DOI: 10.1177/003288558106100206.
- Boni, V. & Quaresma, S.J. (2005). Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrónica de Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2 (1), 68-80.
- Bosworth, M. & Kellezi, B. (2012). Quality of life in detention: Results from MQLD Questionnaire data collected in IRC Yarl’s wood, IRC Tinsley house and IRC Brook house. *Centre of Criminology – University of Oxford*.
- Butcher, K.F. & Piehl, A.M. (1999). Cross-city evidence on the relationship between immigration and crime. *Journal of policy analysis and management*, 17 (3), 457-493.
- Cádima, F.R., Figueiredo, A., Azevedo, J., Alvares, M.C., Ormond, M., Azevedo, R., Carvalho, R., Tabora, M.J., Valente, S. & Ferreira, V.S. (2003). *Representações (imagens) dos imigrantes*

- e das minorias étnicas nos média*. Acedido a 28 de Março 2013 em: [http://www.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=2yb-nPi8_1UC&oi=fnd&pg=PA3&dq=C%C3%A1dima,+Francisco+Rui%3B+Figueiredo,+Alexandra+et+al.+\(2003\),+Representa%C3%A7%C3%B5es+\(Imagens\)+dos+Imigrantes+e+das+Minorias+%C3%89tnicas+nos+M%C3%A9dia&ots=vBwoZkA0Id&sig=rTW60lsnVrQFthcvt5ovQtzU4NA&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false](http://www.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=2yb-nPi8_1UC&oi=fnd&pg=PA3&dq=C%C3%A1dima,+Francisco+Rui%3B+Figueiredo,+Alexandra+et+al.+(2003),+Representa%C3%A7%C3%B5es+(Imagens)+dos+Imigrantes+e+das+Minorias+%C3%89tnicas+nos+M%C3%A9dia&ots=vBwoZkA0Id&sig=rTW60lsnVrQFthcvt5ovQtzU4NA&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false).
- Campos, E.P. (2004). Suporte Social e Família. In Júlio, M. Filho, *Doença e Família* (141-164). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Carapinha, A.M.L. (2010). *A Influência do Processo de Realojamento na Percepção de Sentido de Comunidade e Apoio Social Percebido*. Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- Cobb, S. (1976). Social Support as a Moderator of Life Stress. *Psychosomatic Medicine*, 38 (5), 300-314.
- Comfort, M. (2007). «Partilhamos tudo o que podemos»: a dualização do corpo recluso nos romances através das grades. *Análise Social*, 185, 1055-1079.
- Cunha, I. (2008). *Aquém e Além da Prisão – Cruzamentos e Perspectivas*. Lisboa: 90 Graus Editora.
- Cunha, M. P. (2010). Race, Crime and Criminal Justice in Portugal in Anita Kalunta-Crumpton (ed.) *Race, Crime And Criminal Justice: International Perspectives*, New York, NY, Palgrave MacMillan: 144-161.
- Cunha, M.P. (1994). *Malhas que a Reclusão Tece. Questões de Identidade de uma Prisão Feminina*. Lisboa: Caderno do Centro de Estudos Judiciários.
- Dahlen, E.R. & Martin, R.C. (2005). The experience, expression and control of anger in perceived social support. *Personality and Individual Differences*, 39, 391-401. DOI: 10.1016/j.paid.2005.01.019.
- Direção Geral dos Serviços Prisionais. Acedido a 30 Abril de 2013 em: <http://www.dgsp.mj.pt/backoffice/uploads/anuais/20130313020300RecExistSitPenSexNac.pdf>
- Dixey, R. & Woodall, J. (2011). The significance of “the visit” in a English category-B prison: views from prisoners, prisoners’ families and prison staff. *Community, Work&Family*, 15 (1), 29-47. DOI: 10.1080/13668803.2011.580125.
- Duarte, R. (2002). Pesquisa Qualitativa: Reflexões Sobre o Trabalho de Campo. *Cadernos de Pesquisa*, 115, 139-154.

- Estevam, I.D. (2011). *Adolescentes em Conflito com a Lei, Resiliência, Valores Humanos e Suporte Familiar: Um Estudo de Representações Sociais*. Tese de Doutoramento, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Faustino, E.R. & Pires, S.R.A. (2009). A Ressocialização como finalidade da prisão: Algumas Considerações Sobre o Seu Significado. *Sociedade em Debates*, 15 (2), 91-109.
- Ferreira, S.R.S. (2010). *A política de imigração europeia: instrumento da luta anti-terrorista?*. Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- Fonseca, G. (2008). Migrações, Etnicidade e Racismos. Comunicação apresentada no VI Congresso Português de Sociologia – 25 a 28 de Junho.
- Fonseca, G. (2010). *Percursos estrangeiros no sistema de justiça penal*. Lisboa: Observatório da imigração, 43.
- Fraser, M.T.D. & Gondim, S.M.G. (2004). Da Fala do Outro ao texto negociado: Discussões sobre a Entrevista na Pesquisa Qualitativa. *Padéia*, 14 (28), 139-152.
- Freitas, L.L. (2008). *A família como principal meio reabilitador do preso na pena privativa de liberdade*. Grau de Bacharelato, Centro Universitário Eurípedes de Marília.
- Gomes, C., Duarte, M. & Almeida, J. (2004). Crime, penas e reinserção social: Um olhar sobre o caso português. *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia*, 27-34.
- Gomes, I.R.N.M. (2008). *Da Prisão à Liberdade: Reinserção Social de Ex-Reclusos*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Gomes, S. (2011). Criminalidade, Etnicidade e Desigualdades. O crime nos reclusos PALOP, Leste Europeu e de etnia cigana e as percepções dos guardas prisionais e dos elementos da direcção acerca deles. In Universidade do Minho – Instituto de Ciências Sociais, Braga, Maio 2011.
- Gomes, S., Machado, H. & Silva, M.C. (2012). Grupos étnicos e estrangeiros em contexto prisional: representações de guardas prisionais e elementos da direcção. In Sociedade, Crise e Reconfigurações: VII Congresso Português de Sociologia, Universidade do Porto, 19-22 Jun.2012.
- Gonçalves, R.A. & Vieira, S. (2005). Atitudes face aos reclusos em guardas prisionais: Implicações para a formação do pessoal penitenciário. *Temas penitenciários*, 3 (1 e 2), 23-28.
- Guia, M.J. (2010). Imigração e Crime Violento: Verdades e Mitos. *I Congresso Nacional de Segurança e Defesa, Lisboa – 24 e 25 Junho 2010*.

- Guia, M.J. (2012). Imigração, Crime e Crimigração: Alteridades e Paradoxos. *VII Congresso Português de Sociologia, Universidade do Porto – 19 a 22 de Junho de 2012.*
- Kirk, R.H. (2003). Family Support: The Roles of Early Years' Centres. *Children & Society, 17*, 85-99.
- Lage, M.C. (2011). Utilização do Software Nvivo na Pesquisa Qualitativa: Uma Experiência em EaD. *Educação Temática Digital, 12*, 198-241.
- Loucks, N. (2004). "Prison Without Bars": Needs, support, and good practice for work with prisoners' families. Obtido de: <http://www.familiesoutside.org.uk/content/uploads/2011/02/PrisonWithoutBars.pdf>.
- Martins, R.M.L. (2005). *A Relevância do Apoio Social na Velhice*. Acedido a 8 de Novembro de 2013 em: <http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/429> .
- Matos, R. & Machado, C. (2007). Reclusão e laços sociais: discursos no feminino. *Análise Social, 185*, 1041-1054.
- Matos, R., Barbosa, M., Salgueiro, G. & Machado, C. (2013). Cidadãos estrangeiros em Portugal: Migrações, Crime e Reclusão. *Psicologia, 27* (1), 33-45.
- Matos, R., Machado, C, Barbosa, M., & Salgueiro, G. (2011). Trajectórias de Vida de Reclusas de Nacionalidade Estrangeira em Portugal - Estudo I. Relatório de investigação não publicado. Porto: Universidade Católica Portuguesa.
- Matsuruka, T.S., Marturano, E.M. & Oishi, J. (2002). O Questionário de Suporte Social (SQQ): Estudos de Adaptação para o Português. *Revista Latino-am Enfermagem, 10* (5), 675-689.
- Medeiros, L.L. (2010). Mulheres e cárcere – Reflexões em torno das redes de proteção social. Comunicação apresentada no *X Encontro Nacional da História Oral – 26 – 30 Abril*.
- Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EDUSER: Revista de Educação, Inovação, Investigação em Educação, 2* (2), 49-65.
- Moreira, J.M & Canaipa, R. (2007). A Escala de Provisões Sociais: Desenvolvimento e validação da versão portuguesa da "Social Provisions Scale". *RIDEP, 2* (24), 23 – 58.
- Moreira, N.A.C. (2012). Vitimização entre reclusos: A relevância da cultura prisional. *Revista de Criminologia e Ciências Penitenciárias, 2*, ISSN: 2238.1678.
- Neto, C., Mortágua, M.J., Rosa, M.J.V., Silva, P.D. & Santos, V. (2004). O impacto da imigração nas sociedades da Europa: Um estudo para a rede europeia das migrações – o caso português. *Serviço de Estrangeiros e Fronteiras do Ministério da Administração Interna*.

- Novais, F.A.G., Ferreira, J.A. & Santos, E.R. (2010). Transição e ajustamento de reclusos ao estabelecimento prisional. *Psychologica*, 2 (52), 209-242.
- Nunes, M. (2005). *Apoio Social na Diabetes*. Acedido a 6 Novembro de 2013 em: <http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/430>.
- Oliveira, M.T. & Lima, M.S. (2013). Sistema carcerário: uma realidade esquecida, inclusive pelos familiares. *Interfaces Científicas – Humanas e Sociais*, 1 (2), 9-19.
- Ollaik, L.G. & Ziller, H.M. (2012). Concepções de Validade em Pesquisas Qualitativas. *Educação e Pesquisa*, 38 (1), 229-241.
- Pinheiro, I. & Cardoso, J. (sem data). Vulnerabilidade ao stress prisional e ao risco de suicídio na população reclusa: estudo exploratório. Obtido de: http://www.spppj.com/uploads/n_4.pdf#page=5.
- Pinto, G. & Hirdes, A. (2006). O processo de institucionalização de detentos: Perspetivas de reabilitação e reinserção social. *EscAnnaNery R Enferm*, 10 (4), 678-683.
- Ramos, I.C.O. (2011). *Contributos da educação: (Re)viver na prisão*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Ramos, M.P. (2002). Apoio Social e Saúde entre Idosos. *Sociologias*, 7, 156-175.
- Reid, L.W., Weiss, H.E., Adelman, R.M. & Jaret, C. (2005). The immigration-crime relationship: Evidence across US metropolitan areas. *Social Science Research*, 34 (4), 757-780.
- Resende, M.C., Bones, V.M., Sene, S. & Guimarães, N.K. (2006). Rede de relações Sociais e Satisfação com a Vida de Adultos e Idosos. *Psicologia América Latina*, 5.
- Ribeiro, J.L.P. & Ponte, A.C.S.L.C. (2009). Propriedades Métricas da Versão Portuguesa da Escala de Suporte Social do MOS (MOS SOCIAL SUPPORT SURVEY) com idosos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 10 (2), 163-174.
- Ribeiro, J.L.P. (1999). Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS). *Análise Psicológica*, 3 (17), 547-558.
- Ribeiro, J.L.P. (1999). Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS). *Análise Psicológica*, 3 (17), 547-558.
- Rodrigues, V.B. & Madeira, M. (2009). Suporte Social e Saúde Mental. *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde*, 390-399.

- Sarason, I.G., Levine, H.M., Basham, R.B. & Sarason, B. (1983). Assessing Social Support: The Social Support Questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44 (1), 127-139.
- Seabra, H. & Santos, T. (2005). *A criminalidade de estrangeiros em Portugal: um inquérito científico*. Lisboa: Observatório da imigração.
- Seabra, H.M. & Santos, T. (2006). Reclusos estrangeiros em Portugal: Esteios de uma problematização. *Observatório da Imigração*, 19.
- Siqueira, M.M.M. (2008). Construção e Validação da Escala de Percepção do Suporte Social. *Psicologia em Estudo*, 13 (2), 381-388.
- Swickert, R.J., Hittner, J.B. & Foster, A. (2010). Big Five traits interact to predict perceived social support. *Personality and Individual Differences*, 48, 736-741. DOI: 10.1016/j.paid.2010.01.018.
- Teixeira, R.M. (2004). *Sistema penitenciário: aspetos positivos e negativos*. Monografia de conclusão de grau de Bacharelato em Direito.
- Vaz, M.J. (2000). *Ideais Penais e Prisões no Portugal Oitocentista*. Acedido a 14 de Novembro de 2013 em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462dbba49c41b_1.PDF.
- Williams, L.P. (sem data). *Provision of Education and Probation Services for Foreign Prisoners*. Acedido a 5 de Abril de 2013: <http://www.scie-socialcareonline.org.uk/repository/fulltext/0069578.pdf>.

ANEXOS

ANEXO I - Guião de Entrevista

Guião de Entrevista

Projeto: Suporte Social de Reclusos de Nacionalidade Estrangeira em Portugal

I. Apresentação

Tópicos	Instruções/ exemplos de questões
Apresentar os objetivos da realização da entrevista	<i>Na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, estou a desenvolver uma tese de Mestrado em Psicologia sobre o Suporte Social em reclusos estrangeiros em Portugal com o objetivo de caracterizar e compreender qual o significado que esta população atribui às suas redes de suporte.</i>
Assegurar confidencialidade e uso exclusivo da informação para fins científicos / pedir assinatura do consentimento informado	<i>A sua participação, através da realização de uma entrevista, é fundamental para a concretização dos objetivos desta investigação. Para tal, é necessário que dê o seu consentimento, assinando um documento para esse efeito.</i>

II. Introdução

Abordar experiências gerais do processo de reclusão, perceber as interações entre os reclusos e momentos de contacto com o exterior.

Tópicos	Instruções/ exemplos de questões
Rotina	<p>Abordar a rotina do recluso, de forma a perceber os hábitos, atividades e interações que vai mantendo ao longo do dia (ex., hora do almoço, hora do recreio, possíveis telefonemas que faça para o exterior e atividades laborais).</p> <p><i>Descreva-me um dia seu aqui na prisão.</i></p> <p><i>(Costuma almoçar com quem? O que costuma fazer na hora do recreio? Telefona a alguém? Quem? Tem alguma função laboral aqui? Que tipo de trabalho é? Acha que o facto de trabalhar tem algumas vantagens? Quais e de que forma o podem ajudar? Beneficia de saídas jurisdicionais?)</i></p>
Interação social	<p>Explorar se divide a cela com alguém, como é a relação com essas pessoas e que circunstâncias foram obstáculo (ex., língua, cultura, etnia) na manutenção de relações.</p> <p><i>Partilha a sua cela com alguém? Como é a relação com eles? Quais as circunstâncias ou condições que sentiu como obstáculo na interação com os outros reclusos?</i></p>

III. Visitas

Tópicos	Instruções/ exemplos de questões
Descrição	<p>Neste tópico é importante abordar as visitas que recebe de forma distinta, ou seja, para cada visita que recebe, explorar quem são, a frequência da visita, as vantagens e o significado que têm para o sujeito. É importante explorar se a família visita ou não e quais as razões ou circunstâncias para não o fazer.</p> <p><i>Com que frequência recebe visitas? As visitas que recebe são as que esperaria receber? De que forma são importantes para si? Considera que o beneficia em algum aspeto? Qual? De entre as visitas que recebe, quais são as mais importantes para si? Porquê? Qual o significado que as visitas têm para si?</i></p> <p><i>(Qual o motivo pelo qual a sua família não o visita?)</i></p>
Satisfação	<p>Explorar como passa o tempo da visita e se a forma como o usufrui depende do tipo de visita que recebe.</p> <p><i>Normalmente, como é que ocupa o seu tempo de visita? Considera que é diferente com outras visitas?</i></p>

IV. Suporte social dentro do estabelecimento prisional

Abordar as relações interpessoais e de ajuda entre os reclusos de diferentes nacionalidades e o papel que o *staff* prisional tem no apoio e suporte ao recluso estrangeiro.

Tópicos	Instruções/ exemplos de questões
Outros reclusos	<i>Considera que dentro do estabelecimento prisional existem pessoas em quem pode confiar? Em que situações as procura? Sente que de alguma forma ajuda os outros reclusos? Em que situações o procuram? Tem alguma figura de referência dentro deste estabelecimento? Descreva-me a relação que tem com ele.</i>
Staff prisional	Explorar o tipo de suporte que o <i>staff</i> prisional possa ter na vida do recluso estrangeiro. <i>Considera que o staff prisional está disponível quando necessita de algum tipo de ajuda? De que forma? Em que situações recorre a eles?</i>

V. Família

Abordar quais são as figuras mais importantes no seio familiar, o papel que têm no processo de reclusão, a frequência dos contactos, o significado que esses laços têm para o recluso, de que forma o beneficiam e se a família tem ou não conhecimento do processo de reclusão do indivíduo.

Tópico	Instruções/ exemplos de questões
Descrição	<i>Mantém contacto com a sua família? Quem o costuma procurar? Com que frequência e de que forma? Têm conhecimento do seu processo de reclusão? (ex., caso não tenha contado, explorar as circunstâncias e razões pelo qual o fez).</i>
Significado	<i>Qual o significado que as pessoas da sua família têm no seu processo de reclusão? Considera que beneficia com as visitas da sua família? Em que sentido?</i>

VI. Outras fontes de suporte

Abordar outras fontes de suporte, o significado que têm para o recluso, em que medida o tem ajudado no processo de reclusão e a utilidade que este contacto tem na sua vida.

Tópicos	Instruções/ exemplos de questões
Descrição	<i>Tem alguma referência em Portugal, sem ser familiares, que possam prestar-lhe algum tipo de apoio? Quem são? Qual a relação que tem com eles? Com que frequência o contactam? De que forma o fazem?</i>
Significado	<i>De que forma sente que é importante para si? Em que momentos sente que precisa mais de apoio (ex., nas saídas ao exterior, depois das visitas).</i>

VII. Instituição

Explorar a função da instituição como facilitadora no contacto dos reclusos estrangeiros com o exterior e na manutenção dos laços sociais.

Tópicos	Instruções/ exemplos de questões
Papel facilitador	<i>A instituição auxilia o contacto com os seus familiares ou outras pessoas significativas? De que forma? (ex., papel facilitador do tribunal, do juiz e do próprio sistema de justiça).</i>

VIII. Outros

Explorar outras dimensões, nomeadamente as crenças religiosas, de forma a perceber a importância que tem no seu percurso prisional, os momentos de culto dentro da instituição e se estas circunstâncias ajudam na relação com os outros.

Tópicos	Instruções/ exemplos de questões
Religião	<i>Tem alguma crença religiosa? Qual a sua importância neste momento da sua vida? Frequenta algum culto religioso? Já o fazia em meio livre? Tem alguma figura de referência associada à sua crença? O facto de frequentar cultos ajuda na interação com outros reclusos? De que forma?</i>

IX. Avaliação do processo

Tópicos	Instruções/ exemplos de questões
Avaliação do processo de entrevista	Convidar o sujeito a colocar-se perante o procedimento de um ponto de vista avaliativo, pontos mais positivos, pontos negativos e possíveis sugestões.
Agradecer	

ANEXO II – Consentimento Informado



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

Consentimento Informado

Projeto: *Suporte social de reclusos de nacionalidade estrangeira em Portugal*

Eu, abaixo-assinado/a, compreendi a explicação que me foi dada sobre este projeto, tendo tido oportunidade para colocar questões e esclarecer dúvidas sobre o mesmo.

Tomei conhecimento de que os dados fornecidos serão totalmente anónimos e confidenciais.

Além disso, fui informado/a de que posso a qualquer momento recusar a minha participação no projeto, sem com isso sofrer qualquer tipo de penalização.

Aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado, autorizando a divulgação científica dos resultados obtidos e a gravação da entrevista, desde que garantido o anonimato.

Assinatura _____

Data [/ /].

Obrigada pela sua colaboração

Raquel Matos

(Investigadora Principal)

ANEXO III – Solicitação de entrada do gravador



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

No âmbito do Mestrado em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, estou a desenvolver a minha Dissertação de Mestrado que tem como principal objetivo caracterizar e compreender qual o significado que os reclusos estrangeiros atribuem às suas redes de suporte.

Assim, e uma vez que serão realizadas entrevistas como principal instrumento na recolha de informação, vinha por este meio solicitar a autorização de entrada de um gravador que só será utilizado após o consentimento do próprio e exclusivamente no âmbito deste projeto.

Porto, 12 de Fevereiro de 2014

(Bárbara Barros)

ANEXO IV – Grelha de Codificação

CATEGORIAS	DEFINIÇÃO
1. ROTINA PRISONAL	
1.1. Descrição de rotinas com mais interaçõesocial	Referência a rotinas do cotidiano na prisão em que descrevem maior interação com os restantes companheiros, sem considerar a dimensão do suporte social.
1.2. Rotinas de Isolamento	Descrição de períodos do dia em que referem alguma componente de isolamento dos restantes reclusos.
1.3. Momentos de maior vulnerabilidade emocional	Momentos em que os reclusos referem sentir mais necessidade de suporte.
2. FIGURAS DE SUPORTE	
2.1. Família	Caracterização da família como elementos de suporte social do recluso, incluindo referências positivas e negativas.
2.2. Amigos	Referências ao apoio recebido, no que diz respeito aos amigos como principais figuras de suporte.
2.3. Outros reclusos	Enquanto o processo de reclusão, referências relacionadas a outros reclusos como figuras de apoio, quer seja positivo ou negativo.
2.4. Staff Prisional	Referência a elementos do <i>staff</i> prisional que sejam vistos como figuras de suporte, não relevando se o suporte é positivo ou negativo.
2.5. Outras figuras do sistema prisional	Referência a outros elementos do sistema prisional, como o diretor ou o sistema como figura de suporte, não especificando se este suporte é positivo ou negativo para o recluso.
2.6. Religião	Dimensão da religião como elemento de suporte (não como figura) e a sua importância no momento do processo de reclusão.

3. TIPOS DE CONTACTO

3.1. Interação com outros reclusos			
3.2. Visitas	3.2.1. Ausência de visitas	3.2.1.1. <u>Dificuldades de relacionamento</u>	Refere-se à fraca relação entre pai-filho devido a conflitos no seio familiar.
		3.2.1.2. <u>Visto</u>	Devido ao facto da família de origem se encontrar noutro país, a dificuldade de conseguir o visto, impossibilita a frequência de visitas.
		3.2.1.3. <u>Distância</u>	Referências de que a distância do meio de residência ao EP dificultam a regularidade das visitas, incluindo a dificuldade dos gastos de transporte.
	3.2.2. <i>Esporádico</i>		Referência a visitas irregulares e que possam surgir uma vez no ano ou em festividades de cariz cultural.
	3.2.3. <i>Mensal</i>		Referência a visitas que ocorrem mensalmente.
	3.2.4. <i>Semanal</i>		Referência a visitas que ocorrem durante a semana. É de salientar que os reclusos em regime comum podem receber visitas aos fins-de-semana, no entanto, internados na CPSM recebem visitas diárias.
	3.3. Contacto com o exterior		Forma como conseguem contacto com o exterior ao longo do dia e durante o seu processo de reclusão.

4. TIPOS DE SUPORTE	
4.1. Suporte Espiritual	Referência ao tipo de suporte recebido associado à importância da religião.
4.2. Suporte Financeiro	Suporte que faz face às despesas que o recluso tem no contexto prisional.
4.3. Suporte Emocional e orientação	Apoio relacionado a sentimentos positivos no recluso e à manutenção de boas práticas e condutas no contexto prisional.
4.4. Suporte Instrumental	Compreende o papel facilitador da instituição em situações práticas, no que diz respeito ao apoio nos contactos com o exterior.
5. AVALIAÇÃO DO SUPORTE	
5.1. Avaliação Positiva	Todas as referências associadas a uma satisfação significativa do apoio recebido, desde os familiares, amigos ao <i>staff</i> prisional em geral.
5.2. Avaliação Negativa	Todas as referências associadas a uma insatisfação do apoio recebido, desde os familiares, amigos ao <i>staff</i> prisional em geral.

ANEXO V - Tabela de Categorização

Categoria	Subcategoria	Código	Excertos
Rotina Prisional	<u>Descrição de rotinas com mais interação social</u>	001_RC	- “Acordo, vou almoçar... quando me apetece, vou ao bar tomar café e jogo dominó.”
		002_CPSM	- “Uma semana dou o pequeno-almoço, outra semana dão outros. O refeitório abre às 8h e fecha às 8.30h e depois vou até ao bar...bebemos os nossos cafezinhos. Depois disso vou aos telefones, às 10h. De manhã ligo para a minha mãe e à tarde para o meu irmão. Depois vou para o refeitório trabalhar, vamos pôr as mesas e lavar a loiça que vai para a enfermaria com o pequeno-almoço. Às 11/11.30h a carrinha do almoço chega e vamos descarregar a carrinha.” - “Depois vamos para a cela descansar, lá para o 12.30h. Eu gosto de ler nos tempos livres.” - “Às 15h vamos para baixo, metemos a 4ª refeição em saquinhas... que serve para depois do jantar. Como comemos cedo, é para as pessoas não passarem fome. Às 17/17.30h jantamos...” - “E depois do jantar vamos ao bar tomar um café e depois às 18.40/18.45h vamos para a cela, tomamos um banhinho. Ficamos a ver televisão... vemos as novelas, estamos a ver a “Doida por ti” e a da estrelinha. Depois vemos as notícias, mas ao intervalo desligamos a televisão porque há pessoas que acordam cedo, às 7.00h para pôr o pequeno-almoço. “
		003_RC	- “Faço desporto das 08.45h às 11.00h. À tarde praticamente não faço nada. Pronto, acordo, tomo o pequeno-almoço, vou ao ginásio, almoço e à tarde não faço nada.”
		004_CPSM	- “Acordo, tomo o pequeno-almoço e fico com os meus amigos no bar a tomar café. Depois vamos para as celas ver televisão e jogar Playstation.” - “Quando está bom tempo vamos lá para cima jogar futebol.”
		005_RC	- “Tomo o pequeno almoço, vamos para as celas. Estamos fechados até às 12.30h, vamos comer e depois quem quiser fica fechado.”
		006_CPSM	- “Aborrecido! Não faço nada!” - “Lavo os dentes (risos), tomo o pequeno almoço e tomo banho. Depois não faço nada.” - “Costumo estar na enfermaria ... onde estão os velhotes. Vejo TV.”
	<u>Rotinas de isolamento</u>	001_RC	- “Uma pessoa não está a fazer nada e eu pedi comprimidos à psiquiatra para não ganhar uma depressão... tenho de tomar calmantes.” - “Eu fico fechado porque quero, não vou estar nos corredores para a frente e para trás como os outros ...”

			- “Depois de o meu filho ir embora fico um bocado triste, mas não peço apoio aos outros reclusos. Não desabafo com ninguém os meus problemas... Os problemas são meus. Não confio em ninguém. Depois passa.”
		002_CPSM	- “Eles fazem, mas eu não vou. Fazem em português e eu faço sozinho em russo.”
		003_RC	- “Uma cadeia é sempre difícil. Chegamos aqui e não conhecemos as pessoas.... A fase de adaptação é sempre complicada. Até ter noção que estava preso, sentia-me isolado, não conhecia ninguém, a forma de ser das pessoas... A frustração é elevada.”
		004_CPSM	- “Às vezes não fico com eles e ando à volta do recreio para ficar mais calmo, apanhar ar e tudo.”
		005_RC	- “Os dias são todos iguais. Olhe estar fechado, andar lá para dentro...” - “Prefiro estar fechado a ver TV.” - “É mais tranquilo. Depois de jantar volto para a cela.”
		006_CPSM	- “Não. Estou sozinho.” - “Não, estou bem assim.” - “Não. Não procuro ninguém porque não quero.”
	<u>Momentos de maior vulnerabilidade emocional</u>	001_RC	- “Não sei que lhe diga.... Quando preciso de apoio não o tenho!” - “Depois de o meu filho ir embora fico um bocado triste, mas não peço apoio aos outros reclusos.”
		002_CPSM	- “Há momentos em que me sinto triste, no dia-a-dia. Fico com saudades da liberdade, fico cansado de trabalhar todos os dias sem liberdade, perco a esperança.”
		003_RC	- “Sinto. Há momentos ... há muitas situações que não conseguimos suportar. As condições não são as melhores, somos muitos... isto também é uma cadeia, tem que ser assim senão toda a gente queria vir para aqui (risos). Quando eu penso e faço uma repescagem de tudo o que fiz, do que poderia não ter feito... de tudo o que passou. As coisas podiam ter sido diferentes. Tenho más recordações da vida, confidencio comigo próprio e isso magoa-me... deixa-me em baixo.”
		004_CPSM	- “Preciso de apoio dos meus amigos para me acalmar. Às vezes não fico com eles e ando à volta do recreio para ficar mais calmo, apanhar ar e tudo.”
		005_RC	- “Quando preciso de apoio quem me vai dar apoio? Sinto-me triste quando estou mais pensativo.... Se a minha mulher e os meus filhos estão bem lá fora. É complicado”
		006_CPSM	- “Não sei ... talvez quando estou mais sozinho no fim da visita. Gosto quando tenho visitas e não quero que acabem (risos).”

Figuras de suporte	<u>Família</u>	001_RC	<ul style="list-style-type: none"> - “veio cá o meu filho” - “e a minha ex.” - “Depois passado um ano veio trazer o meu filho” - “e a minha ex que não via há três anos” - “Ver o meu filho tira-me um peso da alma, uma pessoa fica mais surpreendida... A cabeça está bloqueada, está a ver? E a visita ajuda-me, uma pessoa sente-se mais feliz... Com um filho ou uma amiga, já fica diferente.” - “A do meu filho. A primeira vez que o vi já não o conhecia, ele era pequeno quando nos separamos, ele cresceu. Eu conheci-o de uma maneira e agora passados três anos está diferente!” - “Não sei ... Sinto-me mais leve e mais alegre” - “Estão na Moldávia. São 4000 km, mas o problema não são os quilómetros, o problema é mesmo o visto.” - “à minha família nunca minto. Os meus pais sabem de tudo... posso mentir a qualquer pessoa, mas a família é sagrada” - “A minha família é muito unida. Se alguém passa dificuldades sempre nos ajudamos uns aos outros. A minha família está a sofrer por eu estar cá. Reconheço o quanto custa à minha família não saber quanto tempo vou estar aqui. Os meus pais pensam que eu estou a mentir, mas nem eu sei quando vou sair daqui.”
		002_CPSM	<ul style="list-style-type: none"> - “o meu irmão” - “ou a minha mãe.” - “O meu irmão vem mais vezes porque tem mais possibilidades. A minha mãe namora um português e ela tem vergonha de lhe dizer que estou preso...eu acho. Tenho muito orgulho no meu irmão, já tem um filho. É o exemplo da família. Eu gostava de ser segurança e ele está a tirar a formação, ele fez isso por mim.” - “As da família, claro! Para mim é importante a família porque eu estou longe da minha família há 6 anos e telefono para a minha mãe todos os dias e sinto a energia dela, partilho tudo com ela e sinto-me mais feliz... O meu irmão também me apoia muito. “ - “O apoio familiar ... das visitas saio cheio de energia, sinto-me bem-disposto e sei que está tudo bem, graças a Deus.” - “Quando recebo visitas fico com boa energia. Gosto de ver a minha mãe mais feliz. Está mais feliz.”
		003_RC	<ul style="list-style-type: none"> - “A minha companheira, a minha filha e a minha sogra.” - “Tenho uma filha menor e olhar para ela dá-me força aqui dentro.” - “Tenho a minha irmã em França que me apoia financeiramente.” - “As da minha filha, claro! (risos).” - “Por muitas razões... É inexplicável dizer o que sentimos das pessoas que mais amamos e sei que estou a perder as fases mais importantes do crescimento dela... Perdi muita coisa.” - “Na altura que fui preso disse à minha companheira para refazer a vida dela, porque era o que eu faria se fosse ao contrário. Mas ela

			preferiu lutar por mim e temos uma filha e acho que isso ajudou. Mas quando sair espero compensar as pessoas que me dão força e mostrar que tudo valeu a pena.”
		004_CPSM	- “Tenho, da minha mãe.” - “A minha mãe é importante para mim em tudo.” - “Ajuda! Fico contente em ver a minha mãe, quando não vejo fico triste.” - “É assim, a minha família é muito unida. A minha madrinha, o meu primo e uma tia vinham visitar-me. A minha família só não vem mais vezes porque fica muito caro vir cá acima.” - “Há cinco meses, mais ou menos. Ela diz que me vai visitar quando eu for de precária e quando eu estava no EP de Caxias a minha família ia-me visitar todos os dias.” - “Ajuda muito. A minha mãe traz muitas coisas para eu poder estar melhor aqui.”
		005_RC	- “A minha mulher e os meus filhos que são pequenos.” - “Um tem 8 e outro tem 10 anos.” - “São todos importantes... a minha mulher e os meus filhos.” - “Não mantenho contacto porque não quero, não preciso do resto da família. E eles não vêm visitar mas são lá do bairro, damo-nos bem. Sabe, o meu irmão é doente e tem aquela pilha no coração e por causa aqui da máquina ele não pode entrar.” - “Ajudam-me a fortalecer. Os dias passam mais rápido a pensar neles.”
		006_CPSM	- “O meu pai e as minhas tias.” - “A do meu pai, é a relação e a pessoa mais próxima que tenho... a minha mãe já morreu.” - “A minha família na Venezuela não sabe.” - “Perdemos o contacto. Eles tem o meu número de telefone, mas nunca ligaram.” - “Não. Não tenho ninguém importante sem ser o meu pai e as minhas tias.”
		001_RC	- “A minha primeira visita, veio o meu amigo de Viseu mais uma amiga minha, para aí passado meio ano que cheguei aqui.” - “Apoio financeiro, estão-me a ajudar desde que vim preso. Quando vou a algum trânsito a Viseu eles visitam-me três vezes por semana. Vivía com eles em Viseu. Até eles me perguntam quando é que saio, mas nem eu sei....”
		002_CPSM	- “Recebo visitas todas as semanas, do meu amigo M.C. que sabe falar Russo.” - “Alguns amigos que conversam comigo, que têm saudades minhas, conto os meus problemas.” - “Conheço-os de um curso de cozinha. Ganhei muitas amizades quando tirei o curso de cozinheiro de 2ª. Ligo todas as semanas para eles. Alguns já me vieram visitar, para aí 4/5 vezes já vieram... E tenho as Testemunhas de Jeová. “
	Amigos	003_RC	- “Quando estamos lá fora temos muitos amigos e quando se vem para aqui vê-se as pessoas.” - “Tenho um amigo que sempre me deu apoio. Era mais velho que eu e dava-me bons conselhos.”

		- “Não. Diretamente não. De vez em quando ele liga à minha companheira para saber como eu estou.”
	004_CPSM	- “Tenho amigos lá fora.” - “São do mesmo bairro que eu, íamos para a escola juntos e jogávamos futebol.” - “Perdi o contacto deles. Não falo com eles, mas eles perguntam à minha tia como é que eu estou e isso é bom.”
	005_RC	- “Tenho amigos.” - “Dão apoio à minha mulher, vão lá a casa perguntar se eu estou bem... se ela precisa de alguma coisa.” - “Muito importante. É sinal que se preocupam comigo... são bons amigos. Não falo pelo telefone porque é muita gente para ligar e fica caro. Mas dou-me muito bem com eles.”
<u>Outros reclusos</u>	001_RC	- “Há alguns que desabafam comigo.... Por exemplo esse que está comigo na cela está a bater mal.... Está a tomar uma mão cheia de comprimidos (<i>risos</i>), fala da família.... Ele é de cá mas não tem apoio. É como lhe digo, como somos parceiros, há dias piores, dias melhores, damo-nos mais ou menos bem. Duas pessoas fechadas, um faz uma coisa, o outro não gosta.... Mas nada de especial.” - “As pessoas que foram conhecidos mais próximos aqui já foram embora, portanto agora não tenho ninguém em quem confie ... dou-me bem com toda a gente, falo com toda a gente, mas não confio em ninguém, já houve pessoas de confiança. A cada dia isto está a ficar pior, todos os anos as coisas mudam, parece que saí e voltei a entrar. Tem uma grande diferença desde que entrei.”
	002_CPSM	- “Ajudamo-nos muito uns aos outros” - “Poucas! Porque é assim (silêncio) ... Nós conhecemo-nos uns aos outros, pouco! Não é suficiente.” - “Desabafar sim, o O., o Z. e o R. ... São pessoas com quem vivo o dia-a-dia e é com eles que converso.” - “Claro. Temos que nos ajudar uns aos outros. Por exemplo o R. pediu precária e ele pensava que não ia conseguir ir, quando soube que ia até chorou (<i>risos</i>) ... eu sempre a dizer para ele pensar positivo.” - “Às vezes desabafo com os meus colegas, tentamos animar uns aos outros.”
	003_RC	- “Temos colegas e conhecidos. Há pessoas depois de conhecermos a cadeia ficamos com um pé à frente e outro atrás. A palavra confiança é muito forte, quer dizer muita coisa. Não sinto que posso confiar em alguém.” - “Procuro algumas pessoas para desabafar, tenho as pessoas que convivo diariamente.” - “Acho que sim! Pelo menos dizem que sim... que sou um bom amigo. Por exemplo, pedem-me apoio no ginásio e como eu percebo bem de desporto, às vezes perguntam-me como se faz isto e aquilo...”
	004_CPSM	- “Às vezes acordo mal disposto e eles ajudam-me e dizem-me “ <i>Tem calma J. senão vais para o manco.</i> ” e abraçam-me e tudo. Procuro-os quando algo me incomoda... e como estou com eles todos os dias...” - “Quando têm saudades da família, eles choram.... A gente abraça, mas não pode fazer nada...”

<u>Staff prisional</u>		<p>- “Por mim é quase irmão. Fazemos tudo juntos!”</p> <p>- “Preciso de apoio dos meus amigos para me acalmar.”</p>
	005_RC	<p>“Ai houve! Aqui é tudo do mesmo bairro... vem um e é estranho, vem de fora. É complicado, está a ver? Mas com o tempo vai ao sítio.”</p> <p>- “(Silêncio) A resposta é muito difícil... Não. Cá não.”</p> <p>- “No meu sobrinho sim. Vi-o crescer e somos da mesma família praticamente.”</p> <p>- “Sempre... sempre que me pode ajudar ajuda!”</p> <p>- “Quando nos sentimos mais tristes, frustrados, ansiosos e ele dá-me bons conselhos.... Para ter calma, força e que falta pouco para ir embora.”</p> <p>- “Não. Ninguém me procura para nada.”</p>
	006_CPSM	<p>- “(Risos) No D. Às vezes vou falar com ele.”</p> <p>- “Não. Não procuro ninguém porque não quero.”</p>
	001_RC	<p>- “Por exemplo, a psiquiatra para mim é uma jóia de pessoa. Fui atendido umas três ou quatro vezes e ouviu-me, os meus problemas... que as pessoas têm.”</p> <p>- “A minha técnica sempre está disponível, não tive razão de queixa nenhuma.”</p> <p>- “Pedir a um guarda? Nunca na vida.... Aos guardas não peço nada, posso passar fome, miséria ... a eles não peço nada!”</p> <p>- “Por exemplo, recorro à minha técnica para falar com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras e consegui que viessem cá para pedir a minha extradição, mas o meio da pena já passou e eu não saí.”</p> <p>- “Não me dão saídas ao exterior, o juiz não me dá porque sou estrangeiro e porque tenho processos pendentes. Põe sempre lá uma cruz a dizer que tenho perigosidade ... como hei-de dizer... para a sociedade e que não posso sair...”</p>
	002_CPSM	<p>- “Eles ajudam-me na forma de educar ... dizem-me “não deves fazer assim... faz antes assim”, dão-me conselhos e há guardas que fazem sacrifícios pelos doentes. Educadora nem tanto porque falo com ela de 4 em 4 meses. Desabafo com o psiquiatra e ele ajudou-me muito.”</p>
	003_RC	<p>- “Nem sempre. Sabe que somos muitos e nem sempre temos todas as atenções. Às vezes falamos e colocamos as culpas neles, mas a culpa é do sistema.... Para alguns funciona, para outros não.”</p> <p>- “Nós precisamos sempre deles ... para fazer exames, quando temos uma dor vamos às enfermeiras. Aqui temos que ter atenção porque podemos apanhar muitas doenças. À minha técnica falo de assuntos pessoais, visitas e destas coisas das precárias. Os guardas é que pronto... uns são atenciosos, outros nem por isso.”</p>
	005_RC	<p>- “É muito complicado isto. Não me ajudam em nada.... Também nunca precisei da ajuda deles... esta cadeia é muito complicada, são</p>

			todos uns trifulhas. Puseram-me como perigoso para a sociedade...veja lá! Como é que é possível? Nunca tive castigos, nunca andei à porrada e sou educado com os guardas, com as técnicas.... Eles aqui quando estão mal dispostos pegam com as pessoas! Isto custa, não é?”
		006_CPSM	- “Sim.... Quando me rompe o saco procuro ajuda nas enfermeiras e quando tenho que levar as injeções na barriga (risos).”
	<u>Outras figuras do sistema prisional</u>	001_RC	- “Uma vez também falei com o Diretor por causa de uma televisão e gostei da atitude dele.... No Natal veio ter comigo e disse que me ia pôr a trabalhar.” - “Sempre que vou ao Diretor ele diz que sim a tudo, que se trata já disso, mas depois está quieto É mais um! Depois nada se concretiza.”
		002_CPSM	- “Os serviços ajudam, não negam o contacto.”
	<u>Religião</u>	001_RC	- “Sim, Ortodoxa” - “Não... de vez em quando. É assim, a minha família é e eu também sou, está a perceber? Eu faço o que a minha família faz.” - “Por exemplo, as testemunhas de Jeová.... Acho que é assim que se diz ... esses chateiam os outros para ir e isso acaba por cansar.”
		002_CPSM	- “Ajuda muito! Ajudam tudo. Por exemplo, às quintas-feiras tenho visitas das Testemunhas de Jeová, porque eles me ajudam espiritualmente e ajudaram-me a encontrar a minha religião. Já frequentei três religiões e não tive a sorte de encontrar o Deus.... Agora encontrei.” - “Eu sempre procurei o caminho de Deus e desde que comecei a estudar a Bíblia encontrei os princípios que me ajudam a manter a fé e a esperança.” - “Ajuda, saber que os outros também são jeovás ajuda. Conversamos sobre a nossa religião, o que é bem, o que é mal. Por exemplo, sabe que os jeovás não comem nada com sangue nem podem levar transfusões? Pronto, nós damos opiniões sobre estas coisas.”
		003_RC	- “Sou um pouco católico, não praticante. Estive a pesquisar outras religiões. Mas quando uma pessoa atinge uma certa idade começa a questionar-se se existe Deus com tudo o que acontece neste Mundo. Tenho fé.” - “Tem, claro! A fé é acreditar que as coisas podem mudar.”
		004_CPSM	- “Sim, isso tenho! Em Deus. Tenho um livro do Santificado.” - “Rezo para ver se saio daqui mais rápido e ter outra vida.” - “Rezo sozinho!” - “Sim, ia à missa e em África tínhamos catequese todos os dias.”

		<p>005_RC</p>	<p>-“Sou evangélico. Toda a minha família é! E olhe, a religião não salva, quem salva é Cristo.”</p> <p>- “É ter força e falar com Deus. Tem que se reforçar, pedir a Deus forças e que nos livre do mal... e é bom. É muito bom andar nos caminhos de Cristo! Fortalece-nos, sentimos paz.”</p>
		<p>006_CPSM</p>	<p>- “Não.”</p>
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">TIPOS DE CONTACTO</p>	<p style="text-align: center;"><u>Interação com outros reclusos</u></p>	<p>001_RC</p>	<p>- “Com muita gente Conheço-os daqui. Sentamo-nos nas mesas de quatro pessoas e comemos, não conversamos”</p> <p>- “quando me apetece, vou ao bar tomar café e jogo dominó”</p> <p>- “fico lá a jogar dominó com colegas que não me são chegados, conheço-os daqui.”</p> <p>- “estou numa cela de duas pessoas”</p> <p>- “Um dia são bons, outros dias menos boas ... São mais ou menos. Há dias para tudo.”</p> <p>- “Com os outros reclusos não tenho problemas, mas com a gerência sim!”</p> <p>- “Há alguns que desabafam comigo.... Por exemplo esse que está comigo na cela está a bater mal.... Está a tomar uma mão cheia de comprimidos (<i>risos</i>), fala da família.... Ele é de cá mas não tem apoio. É como lhe digo, como somos parceiros, há dias piores, dias melhores, damo-nos mais ou menos bem. Duas pessoas fechadas, um faz uma coisa, o outro não gosta.... Mas nada de especial.”</p>
		<p>002_CPSM</p>	<p>- “Costumo passear com os meus colegas de trabalho, somos muito unidos. Somos cinco numa camarata, trabalhamos todos no refeitório, menos um que está noutra cela sozinho.”</p> <p>- “depois vou até ao bar....bebemos os nossos cafezinhos.”</p> <p>- “Depois vou para o refeitório trabalhar, vamos pôr as mesas e lavar a loiça que vai para a enfermaria com o pequeno-almoço. Às 11/11.30h a carrinha do almoço chega e vamos descarregar a carrinha.”</p> <p>- “Ficamos a ver televisão... vemos as novelas, estamos a ver a “Doida por ti” e a da estrelinha. Depois vemos as notícias”</p> <p>- “Sim, é numa camarata. Damo-nos muito bem. É “<i>muita</i>” boa! (<i>Risos</i>)”</p> <p>- “Custa ver aqui as pessoas a sofrer, é assim.... Eu falo com toda a gente, há pessoas que gosto, outras que não, mas é diferente Temos que compreender.”</p> <p>- “Ajuda, saber que os outros também são jeovás ajuda. Conversamos sobre a nossa religião, o que é bem, o que é mal. Por exemplo, sabe que os jeovás não comem nada com sangue nem podem levar transfusões?”</p> <p>- “Pronto, nós damos opiniões sobre estas coisas.”</p>
		<p>003_RC</p>	<p>- “Costumo estar com o pessoal. “</p> <p>- “É pessoal que convivo. São poucos, mas boa gente. Porque umas das coisas que aprendi aqui na cadeia é a seleccionar as pessoas com quem convivo diariamente.”</p> <p>- “É uma cela de dois, sim.”</p> <p>- “Tenho uma relação cordial com essa pessoa. Não tenho uma relação muito próxima porque não quero. Dou-me bem com toda a</p>

				gente, mas há alguns que evito.”
			004_CPSM	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu dou-me bem com toda a gente, com os meus amigos.” - "Acordo, tomo o pequeno-almoço e fico com os meus amigos no bar a tomar café. Depois vamos para as celas ver televisão e jogar Playstation.” - “Quando está bom tempo vamos lá para cima jogar futebol.” - “São os meus melhores amigos. Somos um grupo.” - “Sim, eu estou numa camarata de seis pessoas.” - “É boa. Damo-nos todos bem, mas roubam-me tabaco e eu batia-lhes. Passava-me. Mas é na boa.” - “Só que quando vim para cá estava a bater mal. Tinha vindo para o Porto, longe da minha família... longe das pessoas e comecei a bater nos meus colegas. Bati mesmo mal.” - “Todos me compreendem bem e eu percebo também.”
			005_RC	<ul style="list-style-type: none"> - “Sim, com um sobrinho. Estamos só os dois. Eu passo o tempo todo com ele, só quando ele vai ao ginásio é que fico sozinho.” - “Sim, fazemos tudo juntos!” - “É boa... é boa é! Damo-nos bem e entendemo-nos. É assim, ele não é meu sobrinho direto.... Eu fui criado com a mãe dele e ele sempre me chamou de “tio”.” - “Estamos três ou quatro. É assim, cada vez que vamos falamos de Cristo, oramos e não sei quê, mas quando vamos para dentro deixamos de falar.”
			006_CPSM	<ul style="list-style-type: none"> - “Não! Não costumo falar com ninguém.” - “Almoço na enfermaria com os outros... não falo com ninguém! Eu falo pouco.” - “Custou a adaptar-me.” - “Senti-me bem integrado. Receberam-me bem.”
Visitas	Ausência de visitas	<u>Dificuldades de relacionamento</u>	002_CPSM	<ul style="list-style-type: none"> - “Os meus pais não se davam muito bem. Ele bebia muito e batia muito na minha mãe, em mim e no meu irmão. “ - “Sim, porque quis. Tinha medo que ele fizesse mal à minha mãe. Acho que sabe que estou preso.” - “o meu pai só não sabe é quanto tempo vou estar aqui, porque ele não fala para mim. Não consigo perdoar o que ele me fez a mim e à minha mãe. Quando eu era pequeno dizia-lhe que me ia vingar dele.”
		<u>Visto</u>	001_RC	- “Estão na Moldávia. São 4000 km, mas o problema não são os quilómetros, o problema é mesmo o visto.”
		<u>Distância</u>	003_RC	Falo com elas todas as semanas por telefone. Claro que não compensa vir cá à visita Não vão fazer trinta e tal horas de viagem para estarem aqui comigo uma hora na visita.

			004_CPSM	- “A minha irmã, quando Portugal não estava em crise ela vinha sempre. É longe para gastar muito dinheiro.” - “A minha família só não vem mais vezes porque fica muito caro vir cá acima.” - “Ela diz que me vai visitar quando eu for de precária e quando eu estava no EP de Caxias a minha família ia-me visitar todos os dias.”
	<i>Esporádico</i>		001_RC	- “Não, não tenho visitas. Tive uma no Natal... em Dezembro” - “Desde que estou cá, tive quatro visitas.” - “A minha primeira visita, veio o meu amigo de Viseu mais uma amiga minha, para aí passado meio ano que cheguei aqui. Depois passado, sei lá.... Dois anos tive outra visita.”
		004_CPSM	- “A minha madrinha uma vez e a minha tia, que era mãe desse meu primo vinha três vezes por mês.”	
		<i>Mensal</i>	004_CPSM	- “Uma vez por mês.” - “era mãe desse meu primo vinha três vezes por mês.”
	005_RC		- “Sim. Todos os meses.”	
	<i>Semanal</i>		002_CPSM	- “Todas as semanas. As Testemunhas de Jeová todas as quintas-feiras.”
		003_RC	- “Todos os fins-de-semana”	
		006_CPSM	- “Todas as semanas. Às segundas e quartas.”	
	<u>Contacto com o exterior</u>		001_RC	- “Ligar? Ligar, ligo para o meu filho e para o estrangeiro para os meus pais” - “Aos meus pais ligo uma vez por mês” - “Ao meu filho ligo uma vez por semana” - “Não me dão saídas ao exterior, o juiz não me dá porque sou estrangeiro e porque tenho processos pendentes. Põe sempre lá uma cruz a dizer que tenho perigosidade ... como hei-de dizer... para a sociedade e que não posso sair...”
		002_CPSM	- “Ligo todos os dias para a minha mãe e para o meu irmão.” - “Não. Ainda não tive porque tenho duas penas para cumprir. O meu advogado abandonou-me e cumpri uma pena agora, tenho de cumprir a outra... não fiz o cúmulo da pena.” - “Ligo à minha mãe e ao meu irmão todos os dias e às vezes aos meus amigos, mas é muito difícil eles ligarem para aqui.”	
		003_RC	- “Fui apenas uma vez de precária. Foi no mês passado.” - “Todos os dias às 18.00h ligo à minha companheira, filhota e para a minha sogra.”	
		004_CPSM	- “E: Já foi alguma vez de precária? I: Eu? Nunca!” - “Sim, todos os dias ligo à minha mãe e aos meus irmãos.”	

			- “Às vezes é de manhã e de tarde. Falo com ela mais do que duas vezes por dia, às vezes.”
		005_RC	- “Todos os dias ligo para a minha mulher, às vezes de manhã e à tarde.”
		006_CPSM	- “Não. Não consigo telefonar... nem falar com ninguém.”
TIPO DE SUPORTE	<u> Suporte espiritual</u>	002_CPSM	- “Ajuda muito! Ajudam tudo. Por exemplo, às quintas-feiras tenho visitas das Testemunhas de Jeová, porque eles me ajudam espiritualmente e ajudaram-me a encontrar a minha religião. Já frequentei três religiões e não tive a sorte de encontrar o Deus.... Agora encontrei.” - “Dão-me apoio espiritual, dão-me coisas de sabedoria, trazem-me revistas com coisas da vida. Essas revistas trazem muitos exemplos, dificuldades que tinham e como ultrapassaram as dificuldades.” - “Eu sempre procurei o caminho de Deus e desde que comecei a estudar a Bíblia encontrei os princípios que me ajudam a manter a fé e a esperança.”
	<u> Suporte financeiro</u>	001_RC	- “Apoio financeiro, estão-me a ajudar desde que vim preso. Quando vou a algum trânsito a Viseu eles visitam-me três vezes por semana. Vivía com eles em Viseu. Até eles me perguntam quando é que saio, mas nem eu sei.... “
		003_RC	- “Tenho a minha irmã em França que me apoia financeiramente. Está a assegurar as custas disto aqui dentro.” - “Se calhar se eu não tivesse a família que tenho, talvez não pensasse como penso agora. Dão-me apoio e fazem sacrifícios por eu estar aqui.”
		005_RC	- “Se tivesse trabalho tinha para as minhas verbas, para a minha higiene e para não faltar nada... Assim é a minha mulher que tem que mandar tudo.”
		006_CPSM	- “É bom quando eles vem... dão-me dinheiro para carregar no cartão. “
	<u> Suporte emocional e orientação</u>	001_RC	- “Claro. Nenhum pai vai dizer “ <i>Olha, fizes-te bem!</i> ”, qualquer pai ou mãe dá nas orelhas dos filhos.”
		002_CPSM	- “Eles ajudam-me na forma de educar ... dizem-me “não deves fazer assim.... faz antes assim”, dão-me conselhos e há guardas que fazem sacrifícios pelos doentes.” - “Ajuda porque eles compreendem e apoiam. Dão-me conselhos e avisam-me para não me meter com as pessoas erradas. Mas eu também sou uma pessoa muito calma.”
		003_RC	- “A minha família claro que é importante, dá-me apoio moral, conselhose beneficia, claro.” - “Se calhar se eu não tivesse a família que tenho, talvez não pensasse como penso agora. Dão-me apoio” - “Tenho um amigo que sempre me deu apoio. Era mais velho que eu e dava-me bons conselhos”

		004_CPSM	- “Ajuda para eu portar bem. Para sair mais cedo, para não fazer asneiras e para não bater em ninguém.”
		005_RC	- “Ajudam-me a fortalecer. Os dias passam mais rápido a pensar neles.” - “ele dá-me bons conselhos.... Para ter calma, força e que falta pouco para ir embora.”
	<u>Suporte instrumental</u>	001_RC	- “Podia para falar mais vezes. Existem outros cartões mais baratos e não nos deixam ter. Antigamente deixavam e isso está mal! Os estrangeiros não têm apoio familiar, não têm visitas e o que chega 5 min para falar com a família? Os estrangeiros podiam ter mais um bocadinho de apoio.” - “Nunca! (<i>Risos</i>). Então eu pedi para fazer uma vídeo-conferência pelo Skype com a minha família e eles não autorizam. Já não os vejo há muito tempo.”
		002_CPSM	- “Os serviços ajudam, não negam o contacto.”
		003_RC	- “A nível de visitas sim. Só que às vezes a visita atrasa, não sei se se é culpa dos guardas ou do sistema. Mas a visita que é de uma hora, às vezes temos meia hora, quinze minutos... acho que duas horas por semana com a família é muito pouco. Isso é privar, poderia ser melhor.”
		004_CPSM	- “Não! Eles não ajudam em nada.” - “Mas o meu pai liga para aqui e não deixam falar com ele.” - “Não! Mas nas visitas eles ajudam... deixam entrar mais que 1kg de comida e alteraram o meu horário de visita para de manhã para que a minha mãe me pudesse ver.”
		005_RC	- “Não. Não ajudam em nada porque eu compro o cartão na cantina e ligo.”
		006_CPSM	- “Não. Não consigo telefonar... nem falar com ninguém.” - “Sim. Temos o horário para a visita.”
AVALIAÇÃO DO SUPORTE RECEBIDO	<u>Avaliação positiva</u>	001_RC	- “Ver o meu filho tira-me um peso da alma, uma pessoa fica mais surpreendida.... A cabeça está bloqueada, está a ver? E a visita ajuda-me, uma pessoa sente-se mais feliz.... Com um filho ou uma amiga, já fica diferente.” - “Não sei ... Sinto-me mais leve e mais alegre” - “Havia uma vaga na escola e a psiquiatra mandou os papéis, mas os guardas dizem que ela não manda nada. Uma vez também falei com o Diretor por causa de uma televisão e gostei da atitude dele.... No Natal veio ter comigo e disse que me ia pôr a trabalhar.” - “Apoio financeiro, estão-me a ajudar desde que vim preso. Quando vou a algum trânsito a Viseu eles visitam-me três vezes por semana. Viviam com eles em Viseu. Até eles me perguntam quando é que saio, mas nem eu sei.... “

		<p>002_CPSM</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “Damo-nos muito bem. É “<i>muita</i>” boa! (Risos)” - “Ajuda muito! Ajudam tudo. Por exemplo, às quintas-feiras tenho visitas das Testemunhas de Jeová, porque eles me ajudam espiritualmente e ajudaram-me a encontrar a minha religião. Já frequentei três religiões e não tive a sorte de encontrar o Deus.... Agora encontrei.” - “As da família, claro! Para mim é importante a família porque eu estou longe da minha família há 6 anos e telefono para a minha mãe todos os dias e sinto a energia dela, partilho tudo com ela e sinto-me mais feliz.... O meu irmão também me apoia muito. “ - “O apoio familiar ... das visitas saio cheio de energia, sinto-me bem-disposto e sei que está tudo bem, graças a Deus.” - “E dá-me vontade de continuar a lutar pela minha liberdade, sei que vai ser difícil...” - “Ajudam! Ajudam! Ajudam... a mim ajudam. Tive problemas com um guarda no início, mas depois ultrapassei isso. “ - “Eles ajudam-me na forma de educar ... dizem-me “não deves fazer assim.... faz antes assim”, dão-me conselhos” - “Ajuda porque eles compreendem e apoiam. Dão-me conselhos e avisam-me para não me meter com as pessoas erradas.” - “Quando recebo visitas fico com boa energia. Gosto de ver a minha mãe mais feliz. Está mais feliz” - “Os serviços ajudam, não negam o contacto.” - “São muito educados porque tratam bem as pessoas. Pregam, estudam a Bíblia com a família e conversam com Deus, uma coisa que eu precisava há muito tempo. Faço todos os dias oração, desabafo todos os meus problemas e Ele ajuda-me.” - “Ajuda, saber que os outros também são jeovás ajuda. Conversamos sobre a nossa religião, o que é bem, o que é mal.”
		<p>003_RC</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “Tenho uma filha menor e olhar para ela dá-me força aqui dentro. A minha família claro que é importante, dá-me apoio moral, conselhose beneficia, claro. Porque as pessoas que me visitam são os meus pilares. Tenho a minha irmã em França que me apoia financeiramente. Está a assegurar as custas disto aqui dentro.” “Se calhar se eu não tivesse a família que tenho, talvez não pensasse como penso agora. Dão-me apoio e fazem sacrifícios por eu estar aqui. Na altura que fui preso disse à minha companheira para refazer a vida dela, porque era o que eu faria se fosse ao contrário. Mas ela preferiu lutar por mim e temos uma filha e acho que isso ajudou. Mas quando sair espero compensar as pessoas que me dão força e mostrar que tudo valeu a pena.” - “A nível de visitas sim.”
		<p>004_CPSM</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “A minha mãe é importante para mim em tudo. “ - “Ajuda! Fico contente em ver a minha mãe, quando não vejo fico triste.” - “É assim, a minha família é muito unida. A minha madrinha, o meu primo e uma tia vinham visitar-me. A minha família só não vem mais vezes porque fica muito caro vir cá acima.” - “Alguém para confiar? Tenho!”

			<p>- “Mas nas visitas eles ajudam... deixam entrar mais que 1kg de comida e alteraram o meu horário de visita para de manhã para que a minha mãe me pudesse ver.”</p> <p>- “Ajuda muito. A minha mãe traz muitas coisas para eu poder estar melhor aqui.”</p> <p>- “Ajuda para eu portar bem. Para sair mais cedo, para não fazer asneiras e para não bater em ninguém”</p>
		005_RC	<p>- “É boa... é boa é! Damo-nos bem e entendemo-nos”</p> <p>- “Só estou à espera da minha mulher e não conto com mais ninguém.”</p> <p>- “São importantes para ter apoio, falar com eles....”</p> <p>- “Oh, sinto-me bem. Sinto-me contente por estar junto deles e matar as saudades.”</p> <p>- “É união, é a união!”</p> <p>-“No meu sobrinho sim. Vi-o crescer e somos da mesma família praticamente.”</p> <p>-“Sempre... sempre que me pode ajudar ajuda!”</p> <p>- “E eles não vêm visitar mas são lá do bairro, damo-nos bem. Sabe, o meu irmão é doente e tem aquela pilha no coração e por causa aqui da máquina ele não pode entrar.”</p> <p>- “Ajudam-me a fortalecer. Os dias passam mais rápido a pensar neles.”</p> <p>- “Quando me vêm visitar, pelo menos acho que é fácil entrar.”</p> <p>- “É ter força e falar com Deus. Tem que se reforçar, pedir a Deus forças e que nos livre do mal... e é bom. É muito bom andar nos caminhos de Cristo! Fortalece-nos, sentimos paz.”</p>
		006_CPSM	<p>- “Ajudam a passar um bocadinho o tempo...”</p> <p>- “Sim, estou entretido naquelas duas horas.”</p> <p>- “É um momento em que estou livre... sinto-me bem, sinto-me relaxado.”</p> <p>- “Sim... Quando me rompe o saco procuro ajuda nas enfermeiras e quando tenho que levar as injeções na barriga (risos).”</p> <p>-“Não sei explicar.... Não sei. É bom quando eles vem...”</p> <p>- “Sim. Temos o horário para a visita.”</p>
	<u>Avaliação negativa</u>	001_RC	<p>- “Eles têm aqui cartões PT, mas tenho que comprar do meu bolso e fica muito caro, cinco minutos são logo 7€ , tenho que comprar do meu bolso.”</p> <p>-“Não! Conhecidos tenho muitos, amigos tenho poucos... não há amigos na cadeia (<i>risos</i>)!”</p> <p>- “Sim, fiz uma participação por causa disso, ao grupo que andam a investigar os guardas... SAE ou ASAE. Íamos para a escola e já estávamos atrasados e os guardas estavam na conversa com uma senhora, estavam de serviço, não estavam a namorar! E nós para ir para a escola, vamos em fila e vai um guarda à frente e outro atrás. E eles estavam a ir devagar, a namorar, assim na boa e o guarda disse qualquer coisa que eu não entendi, mas eu entendi que era para andar em fila e ele agarrou-me e disse “<i>Tu já não vais para</i></p>

			<p><i>escola</i>”... e fiquei aqui dentro fechado. Mas sabe, ele é uma pessoa muito mal educada com os reclusos e não sou o único a queixar, é muita gente.”</p> <p>- “Sim, sim! Podia para falar mais vezes. Existem outros cartões mais baratos e não nos deixam ter. Antigamente deixavam e isso está mal! Os estrangeiros não têm apoio familiar, não têm visitas e o que chega 5 min para falar com a família? Os estrangeiros podiam ter mais um bocadinho de apoio.”</p> <p>- “Aqui não há apoio nenhum, só se tivermos um advogado.... O que é complicado sem o apoio familiar....”</p> <p>-“Muito pouco! Temos que ter muito cuidado. É diferente, porque podemos achar nossa amiga e nas costas nada! Temos que ter muito cuidado! “</p> <p>- “não confio em ninguém, já houve pessoas de confiança. A cada dia isto está a ficar pior, todos os anos as coisas mudam, parece que sai e voltei a entrar. Tem uma grande diferença desde que entrei.”</p> <p>- “A outra que tive quando entrei foi a pior técnica que já vi neste mundo! Não conseguia entrar em contacto com o meu filho e ela não fazia nada para eu poder falar com ele. Pedi para ela ver no meu cartão do telemóvel, dei-lhe o meu PIN para ela ver o número do meu filho.... Essas pessoas têm que ser acompanhadas pelo psiquiatra. Trouxe-me o telemóvel e nem bateria tinha... como é que ela queria que visse o número? Andei um ano para me arranjar o contacto do cartão do meu filho, depois falei com o subchefe da escola e num quarto de hora arranjou-me o número.”</p> <p>- “Pedir a um guarda? Nunca na vida.... Aos guardas não peço nada, posso passar fome, miséria ... a eles não peço nada!”</p> <p>- “Não sei que lhe diga.... Quando preciso de apoio não o tenho!”</p> <p>- “Nunca! (<i>Risos</i>). Então eu pedi para fazer uma vídeo-conferência pelo Skype com a minha família e eles não autorizam. Já não os vejo há muito tempo. Sempre que vou ao Diretor ele diz que sim a tudo, que se trata já disso, mas depois está quieto É mais um! Depois nada se concretiza.”</p>
		002_CPSM	<p>- “Poucas! Porque é assim (silêncio) ... Nós conhecemo-nos uns aos outros, pouco! Não é suficiente. Ameaçam ... muitos consomem aqui dentro, eles pedem para trazer da cozinha e eu tenho de lidar com isso.”</p> <p>“Aqui dentro pouca gente é assim.... Aqui dentro não há exemplos, é difícil.”</p>
		003_RC	<p>- “Quando estamos lá fora temos muitos amigos e quando se vem para aqui vê-se as pessoas.”</p> <p>- “Não (risos)! Temos colegas e conhecidos. Há pessoas depois de conhecermos a cadeia ficamos com um pé à frente e outro atrás. A palavra confiança é muito forte, quer dizer muita coisa. Não sinto que posso confiar em alguém.”</p> <p>- “(Risos)! Figuras de referência? Aqui dentro? Claro que não! Aqui somos todos criminosos, nenhum é referência para alguém.”</p> <p>- “Era boa ... No início ia-me ver quando estive em Custódias e depois desleixou-se.”</p> <p>- “As condições não são as melhores, somos muitos... isto também é uma cadeia, tem que ser assim senão toda a gente queria vir para</p>

		<p>aqui (risos).”</p> <p>- “Só que às vezes a visita atrasa, não sei é se é culpa dos guardas ou do sistema. Mas a visita que é de uma hora, às vezes temos meia hora, quinze minutos... acho que duas horas por semana com a família é muito pouco. Isso é privar, poderia ser melhor.”</p>
	004_CPSM	<p>- “Há cinco meses, mais ou menos. Ela diz que me vai visitar quando eu for de precária e quando eu estava no EP de Caxias a minha família ia-me visitar todos os dias.”</p> <p>- “Não! Eles não ajudam em nada.”</p> <p>- “Mas o meu pai liga para aqui e não deixam falar com ele.”</p>
	005_RC	<p>- “(Silêncio) A resposta é muito difícil... Não. Cá não.”</p> <p>- “É muito complicado isto. Não me ajudam em nada.... Também nunca precisei da ajuda deles... esta cadeia é muito complicada, são todos uns tralfulhas. Puseram-me como perigoso para a sociedade...veja lá! Como é que é possível? Nunca tive castigos, nunca andei à porrada e sou educado com os guardas, com as técnicas.... Eles aqui quando estão mal dispostos pegam com as pessoas! Isto custa, não é?”</p> <p>- “Quando preciso de apoio quem me vai dar apoio? Sinto-me triste quando estou mais pensativo.... Se a minha mulher e os meus filhos estão bem lá fora. É complicado ...”</p> <p>- “Não. Não ajudam em nada porque eu compro o cartão na cantina e ligo.”</p>
	006_CPSM	<p>- “Não. Não consigo telefonar... nem falar com ninguém.”</p>